

MULHERIO

ano IV, nº 18
São Paulo
set./out. 84
Cr\$ 2.000,00



a MULHER na TEOLOGIA da LIBERTACÃO

Entre o Altar e a Zona

*puta
e a zona*



DO DISCO NUNSEX MONK ROCK, DE NIHA HAGEN

E o segundo mulherio que recebo, fiquei feliz, li com tamanha voracidade que não percebi a última linha da última página, verdade! O primeiro foi o do mês passado, naquele mês, tinha chegado do interior um pouco cansado, lá, quase todo sempre, me deparo com uma boa parcela de mulheres, todas voltadas para os afazeres da casa, criando os barrigudinhos, outras sonhando com o futuro, isto é, na expectativa da aparição do zangão, ele chegará e abotoará seus passos e gestos.

O mulherio, embora tímido, é um grande referencial para o mundo masculino, ele se destina a nós homens que vivamos e aprendamos a nos dar em duas mãos, ou seja, a que leva e a que trás, tô dizendo que o momento é de uma profunda reflexão, onde oprimido e oprimido têm muito a dialogar.

O mulherio é o começo desta ponte, vocês poderão propiciar esse aprendizado, o mundo da mu-

lher é uma incógnita, creio, dentro de minha modéstia, que a mulher tem a dar um basta a essa catinária opressiva masculina, de sempre estar falando por ela, quer na poesia, romance e escambau, armando casamatas, o que interessa, o mulherio poderá realizar, é fazer com que a mulher traga sua visão de mundo, que seja capaz de decidir, revirar e opinar, etc., etc....

Nós homens, frequentemente, somos surpreendidos pela luz do grito feminino, mormente o guardamos e flexionamos para que o partir de conhecimentos continue interno, como é seu sexo, tanto assim melhor, o mundo continua nosso. A mulher quando grita, desequilibra-o. Pode notar, imediatamente existe, de nossa parte, o grito: cale a boca, os vizinhos, você falou demais hoje. É o medo, o mulherio comete essa gravidade, grita muito próximo aos timpans.

Altair Moreira, MG.

Trabalhava com o personagem travesti: as figuras exóticas e loucas que habitam as noites, calçadas, madrugadas. Apenas intuíva a figura feminina oprimida no travesti. A opressão da mulher somada à opressão homossexual. Tenho certeza que a vida e o viver desses homens-mulheres passa pela vida-viver da gente — mulheres. Somos todos oprimidos, uma sexualidade reprimida. Mas não há sinal de solidariedade, nenhuma disposição de pensar junto uma mesma condição. Os travestis são homens que gostam de homens. Teatralizam sua sexualidade específica através do estereótipo da mulher. Uma mulher inexistente, abstrata e equivocada. Sei lá. Não sei o que afirmar e o que não. Cabe talvez um estudo mais aprofundado sobre a questão, sobre Essas Questões.



Li em seu jornal — que prezo muito — a respeito do julgamento do Lindomar Castilho e achei que vocês foram muito severas. Não que eu ache certo matar — só Deus dá a Vida, só Ele A pode tirar — mas também não acho certo o que a Eliane fez: cantar em casa noturna, namorar. Afinal, não havia se passado nem um ano desde a separação do casal. A mulher deve viver uma separação como uma viuvez, com muita compostura, com resignação.

Eu mesma, sra. editora, sou viúva e penei muito no meu primeiro ano de viuvez. O falecido — que Deus o tenha — era uma pessoa muito rigorosa e eu cumpro à risca seus desejos, mesmo depois de morto. Mesmo porque nada mais desagradável que uma "viúva alegre". não é mesmo? Vesti luto fechado, não fui nem a uma reuniãozinha social. Aliás, a bem da verdade, fui sim, bem... era o batizado de um sobrinho neto! E a senhora não pode imaginar o que falaram de mim por isso.... So porque eu estava alegre... Também o que queriam? Depois de oito meses confinada?

E, sra. editora, veja o que é a vida... Não se respeitar nem um tantinho a vida dos outros, a felicidade... Já a Eliane... Bem, sra. editora, paro por aqui.

D. Orlanda Augusta, Araxá, Minas Gerais.

Nívea B. Chagas, RJ.

Graças em parte ao artigo "Sai dessa, Hucitec" publicado no Mulherio 17, fui procurada pelo editor que me garantiu o lançamento do "Pau Brasil" ainda em setembro. Fico devendo essa solução rápida a vocês, principalmente à Maria Otília.

Dinorath do Valle, SP.

Para mim foi uma honra ser capa do Mulherio 16. Sabemos que vocês continuarão sendo veículo de informação sobre questões que ainda nos obscurecem, esperando que tragam luz sobre temas como desemprego, desamparo maternal e a fome do povo brasileiro.

Lucia Holanda, SP

MULHERIO — 2



População

Entre 7 e 11 de outubro haverá o IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, em Aguas de São Pedro, SP. Cada um dos seis comitês de trabalho — Sexualidade e Reprodução, Diferenciais Demográficos Regionais e seus Determinantes, Técnicas de análise Demográfica, Dinâmica Demográfica em Situação de Crise, Processos Sócio-Econômicos e Demográfico numa Perspectiva Histórica e Força de Trabalho — discutirá temas ultra interessantes. Aqui vai uma amostra: "Sobre a paixão", "Eros e a vivência do amor", "A invenção do amor", etc... Organização: ABEP — Associação Brasileira de Estudos Populacionais, contatos com Leticia Costa, tel. 229-2433, r. 138.

Rede Mulher

A Rede Mulher promoverá no dia 13 de outubro de 1984, às 15 horas, um Encontro Latino-americano de Comunicação Popular entre Mulheres. Além de representantes dos Clubes de Mães e Grupos de Mulheres das Zonas Leste e Sul de São Paulo, participarão também representantes destas organizações latinoamericanas: Centro de Promoção da Mulher Gregória Apaza (Bolívia); Centro Equatoriano de Promoção e Ação da Mulher (Equador); Associação de Mulheres Nicaraguenses Luiza Amanda Espinosa — AMNLAE (Nicarágua); Associação Amauta-Cusco (Peru); Comissão de Mulheres Uruguaias (Uruguai) e Circulos Femininos Populares (Venezuela).

O objetivo do Encontro é o intercâmbio de experiências e informações sobre o Movimento Popular de Mulheres nestes países. Maiores informações no telefone 262-9407, à tarde.

Imprensa Alternativa

"O Poder da Imprensa Alternativa Pós-64" é o tema do 2º Concurso Nacional de Monografias que o Centro de Cultura Alternativa do Rioarte está promovendo. As inscrições vão até 31 de outubro. O endereço é rua Rumânia 20, CEP 22240, RJ. Vocês não acham que Mulherio é um simpático "monografável"?

Tema maldito em juízo

"Parece que passaram um trator em cima de mim, não posso dizer que tirei de letra", fala Cati Koltai, socióloga, por dois anos ameaçada de prisão por pedir a descriminalização da maconha na campanha para vereadora (PT/SP), em 82. No julgamento (24/09), a vitória: "Apesar de tudo ainda há muita gente boa neste País", diz ela, comovida com a solidariedade que recebeu.

RECORDOS do MULHERIO

Lançamentos

Mulherio vai ter festa de lançamento em Belo Horizonte, com filmes, debates e muita gente simpática. Será dia 9 de outubro, à noite, no Palácio das Artes.

Mais uma vez queremos agradecer esse tipo de apoio que mulheres de outras cidades nos dão.

No final de agosto Mulherio foi lançado em Curitiba numa promoção do Grupo 8 de Março. Agradecemos a deliciosa recepção, meninas! Valeu.

Erramos

No nº 17 demos errado o novo (finalmente) telefone do CIM — Centro Informação Mulher. Desta vez vai: (011) 229-4818. Com certeza.

No nº 16, outra falha homérica, o endereço do jornal Maria, Maria: Caixa Postal 4062, CEP 40000, Salvador, BA.

Lamentamos...

Tanta matéria boa — algumas até encomendadas — que não saíram neste número... Cada dia fica mais difícil escolher o que caiba em 24 páginas. Parece que são muitas, mas num instante está tudo ocupado. E as solicitações — ainda bem, grande prova de vitalidade do Mulherio — aumentam.

PONTOS DE VENDA DO JORNAL MULHERIO

LIVRARIAS

SÃO PAULO
Best-Seller - r. Bela Cintra 1478
Brasiliense - r. Barão de Itapetininga 99
Brasiliense - r. Oscar Freire 561
Capitu - r. Pinheiros 339
Contemporanea - r. Arapanês 662
Cortez - r. Bartira 387
Cultura - av. Paulista 2073 - conj. Nacional
Kairós - av. Paulista 2650
Duas Cidades - r. Bento Freitas 158
Livre - r. Armando Penteado 44
Pagu - r. dos Ingleses 209
Parágrafo - r. Bela Cintra 2173
S & R - al. Lorena 1326
Todavia - r. Bela Cintra, 1237
Vozes - r. Haddock Lobo 360

ARACAJU
Corel - r. CF s/n

RIO DE JANEIRO
Eu & Você - r. Constante Ramos 23-B
GRUPOS DE MULHERES
BRASILIA - DF - Brasília Mulher
CAMPINAS - SP - Coletivo Feminista de Campinas
CUIABA - MT - Associação de Mulheres de Mato Grosso
CURITIBA - PR - Movimento 8 de Março
FORTALEZA - CE - Grupo 4 de Janeiro
LINS - SP - Mulher Libertação
MACAÉ - SP - União de Mulheres de Macaé
PORTO ALEGRE - RS - Grupo Feminista Gêmina
RECIFE - PE - SOS Corpo
SANTA MARIA - RS - Grupo Feminista Germinal
SÃO PAULO - SP - Centro Informação Mulher

MULHERIO

Participaram da pauta deste número: Albertina Costa, Ana Figueiredo, Edna Rolland, Eliane Robert de Moraes, Elizabeth Souza Lobo, Ines Rieder, Ivany Buzza, Maria Lucia Mott, Maria Otília Bocchini, Maria da Penha Crispim Miguel.

Equipe: Adélia Borges, Cecília Simonetti, Fíbel Leon, Fúlvia Roemberg, Inês Castilho e Vera Soares.

Edição de Arte: Marlene Rodrigues.

Jornalista-responsável: Adélia Borges, registro MTB 10.680, S.JESP 4549.

Editado por: Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amália de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP. Brasil. tone (011) 881-0081 e 34-9642.

Impressão: Companhia Editora Joruês, rua Artur de Azevedo, 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

FEMINISMO, FEMINILIDADE E INFÂNCIA

Helena Silveira



BANCO DE DAUCOSFOINA

*Amanheceu e já é ontem seria o título do último livro de Helena Silveira se a morte não a tivesse levado, a 31 de agosto. Nascida a 9 de dezembro de 1911 em uma família de intelectuais paulistas, ela exerceu o jornalismo por mais de 40 anos, sempre na **Folha de S. Paulo**, onde exerceu cronista social e viria a tornar-se a primeira crítica de televisão brasileira.*

*Um exemplo de sensibilidade e força de caráter, com uma vida intensa afetiva e intelectualmente, Helena enfrentou-se com muitas lutas sociais — a última pelas Diretas. **Mulherio** vem prestar-lhe a última homenagem publicando um trecho da primeira crônica que escreveu para a **Folha**, a 16 de maio de 1946. E registrar nosso sentimento por não termos protestado publicamente contra seu afastamento da **Folha**, no primeiro semestre deste ano — uma tristeza que a acompanhou até a morte*

Com a colaboração de Maria Carneiro da Cunha.

“Entretanto, na Constituinte, não se fará ouvir a voz da mulher brasileira. Já disseram os antifeministas que com isso ela passou o atestado da sua incompetência... É de se presumir que grande parte, talvez até a metade do eleitorado que sufragou nas urnas a 2 de dezembro os seus representantes, seja composto de mulheres. Por outro lado, diversos partidos incluíram em suas chapas nomes femininos. Logo, as próprias mulheres não se julgaram competentes para elaborar a Constituição brasileira, para elevar sua voz na Câmara ou no Senado. Coloca-se, assim, a mulher brasileira no rol dos menores e dos incapazes, dos loucos e dos débeis que sofrem as leis mas não as podem fazer. Essa é a argumentação antifeminista que poderá parecer a muitos razoável...”

Antes de reconhecer assim a incapacidade da nossa mulher, mister se faz examinar pormenorizadamente a questão do feminismo no Brasil. Já disse uma ilustre advogada que, em nossa terra, a mulher teria reivindicações mais de caráter social que político a fazer. Acredito que esteja com a razão. Parecerão a outros povos, pueris, certos preconceitos profundamente arraigados no espírito do nosso povo com relação ao sexo frágil. De nada nos adiantará travar batalhas políticas se determinados tabus persistirem. Senão, vejamos: — a mulher francesa é nisso um exemplo frisante. Até às últimas eleições não tinha ela o direito de voto. Bastou que lhe fosse facultado votar para que fizesse numa primeira eleição trinta e seis representantes. Nós, brasileiras, já concorremos a uma eleição em 1934. É verdade que depois tivemos o longo letargo da era getuliana tão funesta para a nação sobretudo do ponto de vista amolentador da moral.

As francesas mostraram-nos nas últimas eleições com que rapidez podem vencer as mulheres na política, quando socialmente estão à mesma altura dos competidores masculinos.

Não jogaria a culpa de nossa inferioridade social toda sobre ombros de homens brasileiros. A mulher para se arremeter no Brasil precisa antes falar e persuadir as próprias mulheres, convencê-las de que têm direitos e devem usar deles para o bem da nação.

O pior preconceito que retarda a evolução feminina entre nós é o de que o feminismo seja incompatível com feminilidade...

Já tenho ouvido de companheiras inteligentes, quando ante um auditório masculino: — “não creio que nossa mulher tenha reivindicações a fazer. Penso assim porque sou cem por cento feminina...”

E, naturalmente, acreditam que “a outra parte”, tão interessante, haja ficado encantada com essa ostentação de doce feminilidade.

Só podem achar que feminismo exclui feminilidade, quer dizer encanto e graça, apanágios do sexo feminino, encanto e graça que se ausentando deixaram a mulher na situação de um ser assexuado, sem lugar certo no mundo, os que ainda enxergam a Eva moderna com as roupagens horríveis que as sufragistas acharam conveniente adotar para exigir seus direitos. Toda revolução tem que levar de início um caráter deformador, ser uma caricatura violenta, para se afirmar. Não penso com esta asserção, vulgar nenhuma novidade...

As sufragistas ostentavam um aspecto de refugos do Amor e da Sorte, vivamente impressionante. Mas com as vitórias conseguidas, nivelando-se com o homem, superando-o, muitas vezes, nos países mais civilizados, a mulher viu que podia continuar a ser mulher integralmente e ocupar assim o lugar que por direito lhe cabia no mundo. Deixou os ridículos arremedos masculinos mercê dos quais perdia em graça feminina e não ganhava autoridade masculina.

O Brasil, que continua a ver na mulher que batalha pelos direitos do sexo o ser ambíguo e assexuado, é porque nesta questão, como em outras mais, infelizmente enxerga com óculos que só lhe podem dar aspectos de meio século passado...

Vítima de certos mitos e tabus que devemos combater com paciência, a mulher brasileira está, no momento (neste momento tão decisivo para os destinos da Pátria), ausente da política nacional. Não é por incompetência que não levamos representantes à Câmara e ao Senado. É por não termos ainda a noção exata do nosso valor. Mas virá essa noção e virá, também, a consciência de que a época requer cooperação, trabalho árduo, desassombro e atitudes decisivas.

Justamente por ter estado afastada dos misteres políticos a mulher levará para eles a pureza dos que se iniciam, incontaminada que é ainda pelo raposismo dos velhos profissionais. Levará a força dos que acreditam e dos que combatem malgrado os céticos abanar-de-cabeça dos que não vêem salvação para o Brasil em lado nenhum.

Cogita-se, agora, de se criar um Departamento da Mulher, em S. Paulo... Muito se poderá esperar de tal entidade se ela não for entregue, logo de início, a mãos masculinas.

Entre nossa gente, que tem um tão forte pendor para o humorismo, essas coisas são de se temer.

”

EU SÔ É HOME!

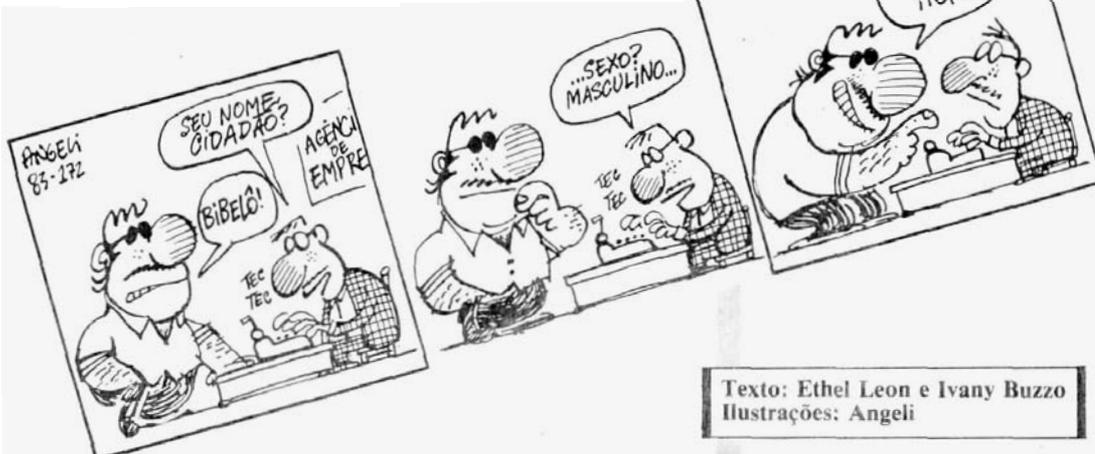
Você gostaria de ter nascido mulher?

A idéia de fazer essa pergunta a vários homens tem o encanto do voyeurismo. Perscrutar a intimidade alheia e de gente importante... O Secretário do Planejamento do governo de São Paulo, José Serra, por exemplo, recusou-se a nos atender, sabendo apenas que faríamos uma pergunta de caráter pessoal. Outros entrevistados potenciais, só de saber que Mulherio os procurava, habilmente escorados por eficientes secretárias, nos evitaram: foi o caso do psicoterapeuta Flávio Gikovate e do psicanalista Eduardo Mascarenhas (será que ele pensou que o assunto era espancamento de mulheres?)

Uma tônica comum à maioria das respostas nos chama atenção: "Nunca pensei nisso". Será pretencioso levantarmos a dúvida quanto aos **nunca**, tão enfáticos? (Porque da nossa experiência como mulheres é tão comum já termos desejado ter nascido homem — pra correr mais livre na infância, jogar futebol, ter iniciativa sexual na adolescência, não se preocupar com uma gravidez...)

Com todo o encanto (se é que existe algum) do voyeurismo dessa matéria, achamos importante captar o pensamento vivo, colhido ali no susto, de homens tão diferenciados. Quanto às respostas, esperamos que vocês as curtam tanto quanto nós.

Nota:
Essa matéria se inspirou numa coluna fixa mantida pela revista peruana *La Tortuga*, que publica depoimentos trabalhados de homens em resposta à pergunta: "Gostaria de ser mulher?"



Texto: Ethel Leon e Ivany Buzzo
Ilustrações: Angeli

Leandro Konder

(ensaista): "Não sei, realmente não sei. É difícil saber. É a primeira vez que me perguntam... Tem uma porção mulher em mim que curte a hipótese, mas não sei se é a porção mais forte. Minha vida seria diferente. Não sei que tipo de mulher eu seria. Veja bem, minha primeira reação seria conservadora. Ser mulher seria diferente, portanto é melhor ser como sou. Superado esse primeiro momento de susto eu acho que poderia ser uma coisa bacana. Não sei, me sinto inseguro... Vocês estão perguntando isso para quem?... Ter nascido mulher... De repente era uma..."

—0000000—

Henfil (cartunista): "NÃO. Que pergunta, meu Deus! Não, eu não queria ter nascido mulher, porque eu não queria ser lésbica. Eu me explico: o motivo é que 99 por cento do prazer, da alegria de viver é a mulher. Então, eu não ia querer viver me agarrando. Não dá nem pra pensar. Eu sei o que tem por trás da pergunta — a discriminação e tudo isso, mas eu prefiro dar uma resposta honesta. Você não pode ser o seu objeto amado, né?"

—0000000—

William (capitão da seleção masculina de voleibol do Brasil): "Mulherio? Opa, deve ser coisa boa. (Risos) Eu não. Tá muito bom, homem. Eu acho que numa outra geração, se pudesse escolher, eu queria ser homem mesmo. Não é nenhuma discriminação. E que tá bom assim mesmo. Vocês deviam entrevistar a Roberta Close".

Mário Schemberg

(físico): "Estou satisfeito em ter nascido homem. Eu estava satisfeito também se tivesse nascido mulher. Tanto faz, não é? Estou contente com o que sou. Se tivesse nascido mulher também estaria".

Carlito Maia (publicitário)

(Silêncio). "Eu acho... definitivamente não. Por todas as razões que eu conheço: são coisas masculinas o poder, o governo, o parlamento, o direito... As coisas que são femininas são sem força, mas do lado certo: a bondade, a justiça, a paz, a liberdade, a sabedoria, a igualdade, a sobrevivência... Tem algumas coisas negativas também como a fome... O lado masculino é o mais forte, mas o feminino é o mais justo. O lado masculino nasceu predestinado para ser superior. Não é que seja superior, assim fizeram..."

As mulheres são mais numerosas, mas o que acontece se são os homens que estão no poder? E quando uma mulher chega ao poder, o que acontece? Veja a Esther de Figueiredo Ferraz... a Margaret Thatcher, são mulheres horrorosas. Acho que os únicos exemplos de mulheres bonitas no poder foram a Evita Perón... E a Jacqueline Kennedy".

—0000000—

Ulisses Guimarães

 (presidente do PMDB): "Não... Mas acharia natural ter nascido mulher..."

Sidney Palácios

 (deputado estadual, PTB, São Paulo): "Deus me livre! Nem em pensamento! Quero nascer homem, sempre, se tiver que nascer de novo. Deus me livre! Nunca me passou pelo pensamento...! Se tiver que nascer de novo, quero nascer do mesmo jeito. Eu me sinto realizado do jeito que eu sou. Não me falta nada. O senhor seria deputado, se fosse mulher? Não sei... mulher... o destino flutua muito. Veja só, aqui na Assembleia Legislativa são mais de 80 deputados para duas deputadas só. É mais difícil encontrar mulheres políticas. Não sei por que... Talvez porque as mulheres não tenham pendoros políticos. Não sei como é pertencer ao outro lado. Não me falta nada. Se houver reencarnação, quero nascer homem".



Angeli (cartunista): "Às vezes gostaria... Tem momentos que eu já me senti assim... Eu gosto muito de ser homem. Mas eu gosto da vaidade da mulher. Eu sou vaidoso. Eu acho muito bonito tudo isso".

—oooOooo—

Ignácio de Loyola

Brandão (escritor): "Nunca pensei no assunto... Como a mulher é hoje eu não gostaria... Estar por baixo, ser discriminada, pisada... batalhar por tudo... Eu não gostaria. Talvez gostasse de nascer com a cabeça de mulher..."

—oooOooo—

Ricardo Kotscho

(jornalista): "Eu não. Sabe por quê? Porque eu gosto muito de mulher. Lá em casa só tem mulher. É por isso".

—oooOooo—

Eduardo Matarazzo

Suplicy (deputado federal, PT): (Risos) "Nunca me coloquei essa questão. E me sinto muito feliz como homem. De maneira que eu gosto de ser homem. Sou feliz sendo homem... Nunca me havia colocado essa questão. E você, como se sente?..."

—oooOooo—

Joaquim dos Santos

Andrade (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo): "Ih, arranhei... Eu gostaria de ter nascido como nasci: homem. Estou satisfeito com a minha desincumbência que Deus me deu no mundo. Fiz quatro filhos, fora os que estão por aí... Não, não tenho nenhum arrependimento de ter nascido homem. Me encontro muito bem como estou. Não me falta nada. Se algum colu-

do meio, tipo Roberta Close está arpendido, eu não estou. Sou homem e não me falta nada. Sem contar o respeito e a dedicação que devo às mulheres a quem Deus deu o mistério da maternidade. As mulheres, eu prefiro viver com elas, e não como elas".

—oooOooo—



Ser homem está bom nos dias de hoje? Não é bem o que parece. Aos fatos recentes: em Roma começou a funcionar um serviço telefônico da Associação Italiana para Educação Sexual que constatou que os maiores problemas sexuais do país são vividos por homens. A proposta da Associação era atender principalmente adolescentes de ambos os sexos. Para surpresa da equipe, 90% das chamadas no primeiro dia foram feitas por homens com idade entre 17 e 52 anos. E mais: 76% deles queriam consultas sobre impotência masculina.

Já na 92ª convenção da American Psychological Association do Canadá, os psicólogos se manifestaram sobre a "grande inquietação pessoal" que vem comprimindo grande parcela dos homens, solteiros, casados, divorciados, negros, brancos, endinheirados ou não. Homens que costumavam considerar as terapias psíquicas como fraquezas, hoje acorrem aos consultórios ou são para lá mandados em função de abuso de bebidas alcoólicas, drogas etc... Confusos, todos, quanto ao significado da masculinidade.

Denoy de Oliveira (cineasta): "As vezes sim, as vezes não... Você quer que eu escreva? Não? Agora, no susto? Eu, não, sinceramente... Sei lá, o que eu te digo é o seguinte: eu vejo uma série de dificuldades e a situação da mulher me preocupa muito... Eu acho que tenho uma alma muito feminina, apesar do corpo masculino. Nunca me passou pela cabeça o desejo de ter nascido ao contrário. A situação do homem no mundo é mais cômoda, mais confortável... Tem mais jogo de cintura o homem... As dificuldades que a mulher enfrenta... Você vê, isso tudo é pesaroso e eu sou fruto de tudo isso aí..."

Aqueles mais sensíveis às mudanças dos papéis femininos, os chamados "varões progressistas", ou seja o intelectual que pode cognitivamente aceitar e incorporar valores reivindicados pelas mulheres, mas que inconscientemente...

"A nível cultural e de vida sinto contradições e temores, desencontros diante de rupturas de papéis muito profundos. Não sei, fantasmas de castração, impotência e neutralidade sexual, um mecanismo de não desejo e de não sedução frente a mulher parecem as primeiras e enevoadas fugas traumáticas"

O depoimento é do argentino Martin Trelles, comunicólogo. E não está nada longe do que vêm afirmando os "homens sensíveis" brasileiros, preocupados com a transformação das relações entre sexos. Estes dizem, falam. E os outros?

(OIM-IPS, Ana Maria Amado in FEMPRESS-ILET e Los Angeles Times)

Fernando Gabeira (escritor): "Olha, eu acho que é difícil responder assim de repente. Se eu pudesse nascer de novo seria uma experiência diferente da minha vida... Existe uma lacuna em mim... Eu não posso ter filho. Essa é uma experiência que eu vou passar pela vida sem ter. Eu tenho uma filha... Eu acho que se eu renascesse eu gostaria de ser mulher, de viver essa experiência de crescer um filho dentro da barriga mesmo".

—oooOooo—

Carlos Guilherme Mota

(professor): "Nunca pensei nesse tema. Nunca me coloquei essa questão... Só se me coloquei quando era moleque... Estou bem satisfeito com a minha sexualidade. Talvez isso seja um pouco inconsciente. Estou satisfeito com a minha opção, ou melhor, com a minha determinação sexual... Este tema é bastante rico e eu dei uma resposta pobre. Suponho ter um lado feminino — que todo mundo tem — bem administrado".

—oooOooo—

Maurício Kubrusly

(crítico de música): "Não. Não é uma idéia que nunca me ocorreu. Eu tenho inveja de algumas coisas da mulher, mas não chega a isso. Elas lá. Eu cá. Tudo bem".

—oooOooo—

João Batista Andrade

(cineasta): "Nunca pensei sobre isso. Realmente acho que não. Não, não queria ter nascido mulher. Como homem tenho a maior curiosidade de saber como é ser mulher. Mas nascer..."

—oooOooo—

Miguel Paiva

(cartunista): "Nunca pensei nisso. A pergunta é meio a sangue frio, é meio perigoso. Pelas dificuldades que a mulher vem passando, eu não gostaria, é barra. Mas isso não justifica ter nascido homem. Não vejo nenhuma diferença — fora a barra — não havia impedimento de fazer o que eu faço, se eu tivesse nascido mulher. Sou feliz de ser o homem que sou. Nunca me detive muito nesse tipo de pensamento... E aí posso falar o que não penso. Em princípio eu teria sido tão feliz quanto eu sou, só que com mais dificuldades... Mas certamente seria bem mais bonito do que sou".

—oooOooo—

Lizuel Costa

(guitarrista do conjunto Língua de Trapo): "Eu não poderia responder. Por eu não ser sexualmente uma pessoa passiva. Talvez seja por aí... Eu não faço nem idéia do que seja ser mulher... Só por 24 horas eu gostaria..."

—oooOooo—

Walter Rogério

(cineasta): "Eu, não. Mas a minha mãe queria. Me vestia de menina até os cinco anos de idade..."



Miséria afetiva, miséria política. Não verá Pais como este...

A MORAL DA OMELETE

Ethel Leon

Um dia (como outros?) no centro de São Paulo. A cem metros do Palácio onde o assassino de Eliane de Grammont era julgado, oficiais de justiça fazem assembleia de avaliação de sua greve. Na rua, os oradores pendurados no viaduto. Porque a democracia nesse País e Estado ainda não chegou ao ponto de garantir local de reunião para funcionários públicos grevistas.

E, logo ali, ao lado da Câmara Municipal, quando, já acudadas, pedíamos sem sucesso proteção policial, os desempregados sediados no SINE (Sistema Nacional de Emprego) eram cercados por tropas da polícia militar, que impediam o acesso de médicos e comida a mil e tantas pessoas, dentre as quais muitas crianças.

Mulheres acampadas no SINE fazem passeata em volta do fórum com cartazes onde dizem que desemprego é também violência e que a violência de homens contra mulheres merece punição.

E nós, abestalhadas pela violência daqueles homens que gritavam "Mulher que bota chifre tem que virar sanduiche. Assustadas de ver ali, diante de nós, a moral macho/autoritária, do tipo base social para um fascismo mafufiano. A foto verdade de que essa moral não é privilégio de umas poucas figuras, mas encontra respaldo fundo nessa sociedade.

Como disse Helena Costa em carta ao **Mulherio**: "Fiz uma pesquisa particular no dia do julgamento do Lindomar e pasmem: numa casa de produtos naturais, onde estavam umas seis mulheres, todas eram pela absolvição dele. Quem procura uma alimentação natural já tem um nível de consciência acima da média. São pessoas que se interessam por ecologia, pelo corpo, enfim, por um mundo melhor. Assim pensava eu, mas estava enganada. Elas só mudaram a alimentação para emagrecer. A mente continua a mesma".

MULHERIO — 6

Os ovos da agressão

Não é à toa, portanto, que o assassino de Eliane é tão popular. Outros casos? Sergio Malandro que, com o auxílio de comparsas, estuprou uma moça no Rio e, valendo-se de suas amizades influentes, reconheceu a autoria do estupro e se anunciou impune, antes de qualquer pronunciamento legal. Tem um baita fã-clube.

Mais um exemplo? Essa letra de uma canção assassinada por Sidney Magal: Se eu te agarro com outro/Eu te mato/Te mando algumas flores/E depois escapo.

Organizados — um ambulante da Praça da Sé nos contou ter assistido à contratação de vários deles por cinco mil cruzeiros — desdentados, muitos deles, maltrapilhos, chegaram no segundo dia do julgamento em maior número e mais dispostos à violência. Jogando ovos. Ovos que lembraram a Sandra Albuquerque sua infância, o cheiro de bolo gostoso na cozinha.

Ovos que ali viravam agressão. Que "mancharam nossos corpos. Manchas amarelas, diferentes daquelas marcas roxas que algumas ainda têm no corpo. Agressões que sofreram um pouco depois... Manchas... Sempre manchas... Marcas."

No fim de tudo, depois da condenação, quando ainda algumas mulheres foram levar flores ao túmulo de Eliane, quando seu assassino recorre em liberdade, muitas reflexões a fazer. Perguntas como faz Beatriz Groppi: Por que não previmos a violência dos grupos de homens? Por que a manifestação não mobilizou mais mulheres?

E ainda, que formas assumem nossas

manifestações, a cada conteúdo, a cada momento? Temos clareza quanto à nossa relação com as autoridades? Num caso como o desse julgamento, não é direito nosso exigir que a polícia garanta nossa liberdade de manifestação? E como enfrentar forças que não são dos aparelhos do Estado (essas, de tanto enfrentarmos, já adquirimos **know-how**), mas que são forças sociais? Quais os contornos de uma manifestação pacífica desse tipo? Requer coordenação, esquemas de auto-defesa próprios?

Enfim, temos algumas certezas: De Sandra Albuquerque: "Que os ovos choquem e que deles saia vida." De Helena Costa: "Não devemos arriar essa bandeira. Para o bem até dos homens, não só das mulheres."



Em julgamento, a moral macho/autoritária do homem brasileiro.

O Julgamento de Lindomar Cabral (nome artístico Lindomar Castilho) mobilizou a chamada opinião pública de maneira muito forte. Durante dois dias não se falou doutra coisa em São Paulo.

Cobertura integral de muitas rádios, flashes a todo momento nos canais de tevê. Feministas organizaram uma vigília diante do fórum reivindicando a punição do assassino. Foram atacadas por um grupo de homens. O julgamento se deu dentro e fora do Palácio da Justiça.

Lá dentro, a oratória prolixa dos advogados. Lá fora o embate duro, agressivo, velho e novo, vida e morte em confronto.

Lindomar Cabral foi condenado a 12 anos de prisão.

Enfim dança a defesa da honra

VENDE-SE um três oitão, preto, segunda mão, bom estado, uso sistemático através dos anos, especialista em mulheres traidoras. Nunca negou fogo nas mãos de homens honrados. Motivo da venda: fim da impunidade. Preço a combinar.

Doca Street estava escapando, mas dançou. Dorinha Duval chorou muito e ainda derrama lágrimas de culpa. E o Lindomar não teve nem a chance de usar velhos argumentos. Seu advogado, dr. Waldir Troncoso Perez, admitiu a culpa, tentando apenas uma pena reduzida através do eufemismo "violenta emoção".

Crime passionai, perda da paz, legítima defesa da honra. Através da história do juri e direito penal brasileiro, esses termos foram os mais usados para justificarem a morte de mulheres e inocentarem mãos assassinas de românticos exacerbados.

Desde o Brasil Colônia, passando pelo começo do século XX e seus grandes casos de crimes no Rio de Janeiro, até o fim da década passada, a situação não mudou muito. As sutilezas dos argumentos de advogados livraram a pele de muito marmantão.

Hoje — depois do caso Lindomar — essas figuras jurídicas tendem a desaparecer. É como o dr. Márcio Thomaz Bastos, presidente da OAB/SP e assistente de acusação diz ao **Mulherio**:

"Final estamos no século 20 e esse negócio de resolver a tiros os problemas conjugais não tem mais razão de ser. O projeto de reforma do Código Penal enviado pelo Ministério da Justiça ao Congresso acaba com a qualificação de "crime" para o adultério".

Para ele, o fato de cinco dos sete jurados do julgamento da morte de Eliane de Grammont votarem pela condenação, deveu-se também à mobilização das mulheres.

E não adianta o Dr. Troncoso entrar com recurso e declarar que as "mulheres não entendem a violência masculina". Elas entendem muito bem e se defendem.

Enquanto isso, a turma vai vendendo o 38. Preço a combinar.

Luciano Borges



Eis as bases para um fascismo malufista.

PORTEMOS NOSSAS BUNDAS!

os passantes que se aproximavam.
Lá pelas duas da tarde havia alguns riam mesmo era manter relações sexuais

palite

explicai

repente

gritam: vão todas

Como dizia a Maria...

Já em 1932, **Maria Lacerda de Moura** se manifestava contra a impunidade de assassinos de mulheres. Em seu livro, editado pela *Civilização Brasileira* "Amor e... não vos multipliqueis", pronunciamentos de extrema atualidade frente à questão. O achado é de **Ines Rieder**:

em: *defende: a honra sua*
conspicuada
vivia. *va, além de* da
escravos. *todos.* a *meios* Os

todos. ...
sádismo moral".
"... Sendo a mulher a propriedade privada de um homem, e sua presa — é também culpada e deve submeter-se à justiça de seu proprietário legal ou não, do senhor feudal de um feudo inexpugnável, acastelado na rotina, nos preconceitos sociais, na ignorância cultivada da sua companheira — a eterna infantil, tutelada milenar".
"... Ninguém me convence de que o Amor é sádico e exclusivista, egoísta e criminoso, o que ama não faz sofrer. O Amor não martiriza, não mata, não exige, não procura dominar."

estamos ali, é porque somos vagabundas, como nos gritam, ou galinhas, ou piranhas, ou sapatões.

nha, sem ser chamada de nada. Quero sossego, quero viver. Quero isso para todas nós.
Maria Otília Bocchini

Eliane, Violeta, Delvita, Christel...

damos alguns apenas al-
dos nomes

Aurealina Monteiro, assassinada pelo marido na frente dos filhos em 1980. O assassino foi condenado nas duas instâncias a 19 anos de cadeia.

Violeta Formiga, assassinada pelo ex-marido, torturada antes de morrer. O assassino foi condenado pelo 1º júri a 23 anos. Absolvido pelo segundo júri, ameaçou de morte as feministas. Saiu do país.

Catarina Borges, assassinada pelo ex-marido que ainda não foi julgado.

do julgamento marcado.

Em Minas Gerais:
Heloísa Ballesteiros Stanciolli.
Maria Regina Rocha

Angela Diniz, assassinada por Doca Street que está em liberdade.

Em São Paulo:

Esmeralda Dias, assassinada pelo ex-marido em 1981. O assassino está em liberdade.

Delvita Prates, assassinada em dezembro de 83. As investigações policiais andam a passo de lesma.

Seus temas de trabalho são apetitosos: o amor, a sexualidade feminina e masculina, o erotismo. Esteve em várias capitais brasileiras fazendo palestras, dando aulas, supervisões. O debate que **Mulherio** promoveu com ela em São Paulo, no final de agosto, lotou o auditório da **Folha**.

Marie Claire é psicanalista, professora de Filosofia na Universidade de Vincennes, Paris. Trabalhou com Foucault e Delleuse, "chefes muito legais", porque davam inteira liberdade a seus assistentes. Militou numa organização de extrema esquerda até descobrir que era explorada por ser mulher. Desde então vem atuando no movimento feminista francês.

Na conversa que tivemos percebi uma mulher doce, disponível (oh, gravador, quanto trabalho você nos deu!) e que transmite uma visão não catastrófica dos fluxos e refluxos da história do movimento de mulheres. Sai com a sensação de ter conhecido uma mulher otimista, que acredita no avanço por etapas, atingido através de uma multiplicidade de ações.

Fúlvia Rosemberg

Como é que uma psicanalista integra a reinvenção feminista por creches? Como é que fica o vínculo mãe-filho?

Acho extremamente importante que o bebê até 6, 7 semanas se sinta bem, se sinta aceito, tenha boa relação com a mãe. Mais tarde, penso que a creche pode permitir que a mãe invista seu desejo fora do filho. Nesse sentido a creche pode auxiliar a romper o mecanismo de transmissão da família patriarcal.

Como é que se dá, a nível psicológico, essa transmissão da família patriarcal?

A mãe, tal como o patriarcado a coloca, só tem como saída investir muito em seu filho, porque ela vai delegar seus desejos através desse filho; ela vai amá-lo excessivamente, porque não possui outros investimentos fora dele, e porque o marido patriarcal, que é um antigo filho de mãe patriarcal, se defende de sua mulher fechando-a no mundo da família e indo investir seus desejos em outro lugar. Então, nesse contexto, ela tem apenas como objeto de investimento de seus desejos esse filho

que é, afinal, durante alguns anos, um homem dela.

Esse tipo de relacionamento familiar é uma fonte de misoginia, porque esse mesmo filho, excessivamente carregado de amor, vai ter que existir fora do espaço e do desejo materno, vai se proteger e se constituir contra ela. Mais tarde vai se vingar do que sofreu, fazendo com que sua própria mulher assumo o papel de dominado, de recluso, de propriedade da mãe. É assim que esse mecanismo se transmite.

Penso que todos os vínculos sociais são vínculos de homossexualidade viril que, excluindo as mulheres das responsabilidades políticas ou científicas, lhes reservam apenas as funções de reprodutoras, de educadoras, o que se reencontra também no mundo do trabalho sob a forma de secretária, empregada.

Os homens têm necessidade das mulheres para fazer amor, para seu prazer sexual, mas o espaço social, numa sociedade patriarcal, é fundado sobre a exclusão do feminino, sobre o bloqueio do feminino. Todo o simbólico social se fundamenta no consenso homossexual contra a mãe, contra aquilo que foi, na origem, uma alienação

MARIE CLAIRE BOONS

Em nome do amor fomos as mais vís escravas.



Marie Claire durante o debate, onde foi traduzida por Cati Koltai, Albertina Costa e Fúlvia Rosemberg.

para o menino que foi excessivamente amado, e não é desse amor que ele precisa.

É por isso que os homens são tão pouco ternos e têm tanta dificuldade em exprimir sua afetividade e ternura; pois tiveram que romper com o que era excessivamente terno.

Mas quando você coloca essa ênfase na relação mãe-filho você não está, de certa forma, culpabilizando outra vez a mulher?

Não. O que está em questão é a família patriarcal. Concordo que em certos momentos o feminismo já culpabilizou certas mulheres.

Na França, algumas experiências foram desastrosas, perdemos algumas mulheres porque elas nos percebiam como uma vanguarda terrorista. Com o passar do tempo nós nos corrigimos, passamos a escutar mais a outra. Por exemplo, uma mulher diz ser espancada pelo marido em certas ocasiões. Depois quando você a escuta um pouco mais, você percebe que, de algum modo, ela é cúmplice. Que ela encontra nessa relação alguma coisa, uma forma de vínculo. Certas feministas não puderam suportar que, em algum canto seu, essa mulher pudesse usufruir ser es-

pancada. E rejeitaram-na dizendo que não se ia conseguir nada com ela, na medida em que ela mesma era cúmplice da violência de seu marido. Então fizemos um trabalho procurando compreender essa mulher: talvez ela não possuía outro modo de reconhecimento; talvez esse tipo de vínculo se enraíze em sua infância; talvez ela tenha apanhado de seu pai quando criança e desse modo reencontre seu pai. Enfim, tentamos desenvolver todo um campo de reflexão. E atualmente somos mais doces, mais abertas. E isto não quer dizer que não sustentamos com rigor nossas próprias idéias, apenas estamos aceitando que cada uma se situe no seu próprio nível.

Na verdade, o que se precisa é desenvolver uma tática, um modo de relação, que crie o desejo de mudar. E mesmo os homens, apesar de sua resistência, apesar de ainda permanecerem "machos", um dia também descobrirão que vai ser melhor mudar. E nós já vemos alguns homens assim.

Você os chamaria de homens feministas? Como você vê a participação dos homens no movimento das mulheres?

A gente desconfia dos homens

feministas porque podem nos recuperar. Mas houve uma época em que nos reuníamos apenas entre mulheres, afastando totalmente os homens, porque não possuíamos ainda nossa palavra, nossa força. Se eles estivessem junto com a gente tomaríamos novamente nossa palavra, imporiam suas idéias, impediriam a expressão do que procurávamos e do que queríamos. Durante sete, oito anos, então, todos os colóquios, reuniões, noitadas eram abertas apenas para mulheres. Trabalhávamos nossa própria identidade. Mas agora, de dois anos pra cá mais ou menos, começamos a organizar reuniões onde decidimos, algumas vezes, convidar alguns homens.

Na verdade, não se quer suprimir o "termo" homem, mas o que se suprimirá é o papel patriarcal e o lugar que o homem ocupa. O homem continuará sendo um companheiro.

Por que vocês mudaram de tática?

Pensamos que criar canais para o diálogo em certos momentos é também uma forma de luta, que é também uma possibilidade de troca. Por exemplo a revista feminis-

ta belga Cahiers du Grif organizou um colóquio sobre a dependência amorosa e convidou também alguns homens. Tivemos discussões muito interessantes que não teríamos tido sem os homens.

Por exemplo, sobre o erotismo alguns homens disseram: efetivamente nossas fantasias nos levam a fazer uma série de coisas relativamente perversas, mas vocês, para vocês, qual é o erotismo de vocês?

Foi muito interessante porque de repente éramos obrigadas a dizer, a pensar: mas qual é nossa relação com o desejo? Então, por exemplo, Françoise dizia que no erotismo masculino ocorria sempre uma espécie de corte, que a gente entrava no espaço erótico do homem e que depois acabava. E ela dizia: mas para mim o erotismo é também de manhã, por exemplo, quando saio para comprar tomate e vejo um raio de sol na nuca de uma mulher ou de uma criança. Isto pode me por em estado de desejo. Eu, por exemplo, disse que havia um erotismo da docura nas relações dos corpos, que os homens não sabem muito bem o que seja. Para os homens é necessário uma certa perversão, é necessário que se use jóia, meias negras, isto é, o fetichismo lá deles, sempre ligado à ditadura do falo, do patriarcado e da ameaça de castração. E então um "homem feminista" disse: "Concordo intelectualmente com a docura ou com o fato de vocês precisarem de tempo para se prepararem, mas se em certo momento não sou violento e dominador, eu brocho".

E nós lhes respondemos: "mas não tem importância se você brochar". Então eles perceberam que nós não estávamos mais querendo que o tempo todo a relação sexual ocorra somente pela mediação de uma ereção. Isso pode ser um momento muito agradável, mas também não é a centralização única.

Como é que está o feminismo na França? Está num momento de crise, como faz crer a grande imprensa?

Atualmente não estamos mais na fase de grandes manifestações de rua, com faixas e tudo o mais. Estamos numa outra época, posterior ao nosso surgimento no palco social, na história, quando conseguimos fazer incorporar denúncias, desejos etc. Estamos numa luta mais profunda, no meu modo de entender, e que é essencial — historicamente — porque penso que estamos constituindo um novo discurso, um novo saber, uma nova prática. Mas para que essas conquistas permaneçam é necessário aguentar firme. Pois o que se tem como ensinamento da história é que ocorreram manifestações feministas em momentos de ruptura histórica — como durante a revolução francesa, a do comuna de

Mas como reencontrar um sentimento amoroso onde não haja mais escravidão?

Paris, a revolução argelina. Isso tudo desapareceu depois porque não constituía ainda um valor, um pensamento, um discurso, uma teoria, necessários para estruturar uma nova conduta. Você percebe, é necessário que tudo isso passe pelo simbólico. Se não fazemos mais manifestações nas ruas, organizamos colóquios, com advogadas, psicanalistas, sociólogas, antropólogas — a gente tenta se apoderar de um saber para transformá-lo em nosso saber. Isto não quer dizer que iremos fazer a mesma teoria que os homens, mas a palavra de ordem é ousar pensar, ousar teorizar, ousar constituir nosso pensamento em profundidade e procurar manter o que foi lançado há já bastante tempo. É um processo polêmico porque força a ordem patriarcal; é um processo de luta, mas que pode ser mais surda e difusa que a anterior e que talvez vá reexplodir em cinco ou até dez anos.

No Mulherio temos discutido que o feminismo é uma luta de balzaquianas, de mulheres mais velhas, que não consegue mobilizar as jovens. E na França, qual a posição das adolescentes?

As adolescentes nos colocam um grande problema. Elas não sabem o quanto aproveitam hoje das lutas que foram desenvolvidas por nós. Elas não querem lutar da mesma forma porque já são mais livres. Elas não percebem que essa possibilidade que têm é fruto da luta das mais velhas e não querem mais militar como nós.

Mas eu queria falar também de outra coisa. Até uns dois anos atrás havia uma lei implícita nos colégios que considerava as adolescentes que não queriam fazer amor com um colega, como anti-quadras, atrasadas. Era uma ditadura sexual terrível. Era preciso não ser mais virgem aos 15 anos e isso, me parece, era uma herança do movimento de liberação sexual que marcou o movimento das mulheres numa certa época. Atualmente está ocorrendo uma reação contra essa posição. Algumas adolescentes estão dizendo "nós não temos vontade de trepar assim, de repente e de qualquer jeito". Conheço muitas adolescentes que afirmam que vão ter relação sexual com alguém quando elas amarem e não apenas para se submeterem a uma lei do grupo.

Aquela liberação era necessária, mas introduziu um terrorismo do orgasmo — "você deve gozar" — que era ouvido como "se eu não gozo, não serei mais desejada, o homem vai me largar". Antes era "você deve cozinhar bem para guardar seu marido". Agora é "você deve gozar". É por essa reação que a questão do amor volta à tona.

Porque em nome do amor fomos as mais vis escravas. Mas como reencontrar um sentimento amoroso onde não haja mais escravidão? Foi isso que discutimos em Bruxelas, um amor que não ocuparia mais o mesmo lugar de antes na relação homem-mulher, que não fosse mais alienação de um a outros, a ditadura, a dependência através do amor.

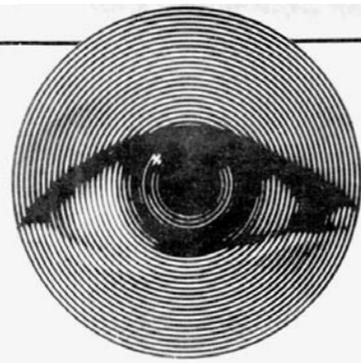


imagem-ação escola de fotografia

e o jornal

MULHERIO

PROMOVEM

MINI CURSO DE
FOTOGRAFIA
2 AULAS DE 2 HORAS

- manuseio de máquina fotográfica
- noções básicas de fotografia
- uso correto do filme colorido e flash

TURMAS EM
OUTUBRO/NOVEMBRO
DE 1984

grátis

Av. 9 de Julho, 3284

fone: 289-7966

São Paulo/SP



Esta promoção só é válida com a apresentação deste anúncio.

Bela, fofa e inteligente



AGENDA
1985

RESERVE JÁ!

CIM (Centro Informação Mulher) Tel. 229-4818 SOF (Serviço de Orientação Familiar) Tels. 521-9822 e 297-0703 São Paulo



PREÇO: Cr\$ 6.000,

MULHERIO 119

“ O feminino nos faz ver uma outra forma de ser humano e civilizado. Os últimos milênios vêm marcados pelo predomínio do masculino. Ele dá origem a uma outra maneira de ser humano e de relacionar-se com a realidade. Esta maneira se caracteriza, principalmente, pelo **logos**, a racionalidade e o conceito. Pelo **logos** se introduz uma ruptura entre homem e natureza; fazemo-nos senhores da terra, subjugamos suas forças, quebramos os vários equilíbrios que ela mantém. Esta modalidade de ser civilizado produziu seus frutos mas também seus impasses, cuja gravidade hoje é profundamente sentida.

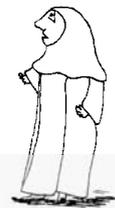
Neste contexto emerge o feminino como possibilidade de um caminho alternativo; não se trata de regredirmos aos modelos da civilização agrária feminina, mas de conferirmos maior espaço à dimensão do feminino em nossa cultura. Mediante o feminino nos capacitamos a um outro tipo de relação, mais fraterna, mais terna e mais solidária com nossas raízes cósmicas e telúricas. Todos os grandes espíritos nos quais se gerou uma profunda integração humana foram espíritos sensíveis à ternura e às expressões da **anima**.”

(Leonardo Boff in *O Rosto Materno de Deus*)

teologia da libertação

palavras de João? Ou seria Lucas?! Ou talvez Mateus?! De Agostinho, certamente, que não!

**CÔSMICO,
TELÚRICO,
EMERGE O
FEMININO.**



Inês Castilho
com a colaboração de Fúlvia Rosemberg.

Padres de Saias

“O sacerdócio do homem: uma ofensa aos direitos da mulher?” Assim começa o cardeal J. Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) sua argumentação contra o direito da mulher exercer o sacerdócio. E conclui: esse não é um direito da mulher, porque ela não tem vocação para o sacerdócio.

“É um argumento ideológico para justificar aquilo que não tem justificativa”, contesta o teólogo brasileiro Leonardo Boff, 45 anos, catarinense de Concórdia, 11 irmãos, entre eles uma freira e outro teólogo. “Se a mulher tem vocação política, vocação de liderança, de assumir postos de governo, não há justificativas. Essa é uma forma explícita de discriminar a mulher por razões ideológicas.”

Embora não tenha sido citada pela imprensa, essa é uma das questões contidas na “heresia” de frei Boff, que levou - o a ser processado pela Santa Sé e a ser interrogado pelo mesmo cardeal Ratzinger.

No capítulo IV do livro *Igreja, Carisma e Poder*, que aborda “A questão da violação dos direitos humanos dentro da Igreja” (alvo por excelência das acusações do Vaticano contra Boff), ele diz: “Um dos pontos que mais salta aos olhos como contrário ao sentido do direito é a vigência da discriminação da mulher no seio da Igreja. As mulheres compõem metade do número dos fiéis e as religiosas somam dez vezes mais do que os religiosos. Apesar disto são juridicamente consideradas incapazes para quase todas as funções de direção na Igreja, com escassíssima presença nos Secretariados romanos, nas Comissões e Sagradas Congregações.”

No mesmo capítulo, além de contestar o argumento básico da Sagrada Congregação contra a ordenação sacerdotal das mulheres, “de ordem biológica”, ele cita D. Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, quando diz: “Como não pensar na situação da mu-

lher dentro da sociedade e das Igrejas? Seríamos tão míopes, a ponto de envergarmos apenas as disposições e os costumes do passado, sem abriremos novos horizontes para forças tão decisivas no desenvolvimento humano?”

No entanto, há contradições

Se a linha progressista da Igreja se coloca contra a discriminação da mulher, ela ainda parece ter uma visão bastante conservadora da moral e dos costumes, que desempenham papel fundamental no controle sobre a mulher na família e na sociedade. É o que demonstra a recente nota enviada pela CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ao ministro Abi Acel, da Justiça, criticando o anteprojeto de mudança do Código Penal. A CNBB diz não à proposta de se criar mais uma categoria de aborto permitido - o chamado “aborto piedoso”, proposto para os casos em que o feto apresente anomalias irreversíveis. E tenta preservar os crimes de sedução e adultério, cujo desaparecimento significaria, segundo os bispos, “um golpe contra a instituição do casamento”.

Alheia à experiência e necessidades das mulheres, a Igreja condena ainda todas as formas de esterilização humana, exigindo que seja mantida no rol dos crimes a prática da ligação das trompas. Uma prática que, se pode ser usada (e) é contra a população feminina em programas de controle populacional, pode também corresponder ao desejo de algumas mulheres em determinadas situações.

É essa liberdade, de decidir sobre o próprio corpo e sexualidade, que a Igreja - mesmo progressista - pretende tirar da mulher. Ao mesmo tempo em que questiona, insiste em mantê-la num lugar subalterno. O lugar da filha que precisa ouvir do pai aquilo que deve ou não fazer.

1. Em “*Missão da Mulher na Igreja*”, Biblioteca de autores Cristãos, Madri.





PHOTO n.º 16B

O Papa e as Mocas

A viagem do papa João Paulo II ao Canadá, coincidiu com a divulgação dos resultados de uma pesquisa realizada pelas Universidades de Montreal e Quebec, demonstrando que 68% dos católicos canadenses são favoráveis ao uso da pílula anticoncepcional; 65,7% a favor do divórcio e do segundo casamento dos divorciados celebrado na Igreja; 72% apoiam o sacerdócio das mulheres; e 48,4% são favoráveis ao aborto.

No entanto, o Sumo Pontífice não se deu por achado. João Paulo II insistiu na infalibilidade papal e houve por bem beatificar a freira canadense Marie Leonie Paradis (1840-1912), que se dedicou a serviços domésticos em seminários e fundou, em 1874, a ordem das Irmãs da Sagrada Família — que até hoje faz trabalhos de limpeza, cozinha e costura nos seminários. Reunidas em vários

grupos, as feministas canadenses fizeram uma manifestação de protesto diante da casa onde o papa estava hospedado.

Quando visitou o túmulo de Marguerite Bourgeoys, primeira santa canadense, João Paulo II exortou: "Admirais sua imaginação pastoral e sua tenacidade ao preparar jovens, homens e mulheres, para estabelecer lares estáveis e formar esposas e mães cristãs bem educadas e trabalhadoras". Uma onda de insatisfação tomou conta das católicas canadenses, que neste momento lutam pela ordenação sacerdotal das mulheres.

E como se o Sumo Pontífice insistisse em não enxergar a realidade deste fim do século XX. Falando a professores de Teologia suíços, insistiu que tirassem da cabeça a idéia de que a Igreja alteraria sua doutrina com relação ao controle da natalidade, ao divórcio e ao papel das mulheres na Igreja. Os teólogos, mesmo tendo ouvido a advertência, entregaram a João Paulo II uma lista de assuntos que gostariam de ver discutidos pela Santa Sé, entre os quais a admissão da mulher ao sacerdócio e uma redefinição sobre o controle da natalidade e o divórcio. "Não podemos, honestamente, ignorar tais questões, tão discutidas entre nós", disse Josef Bommer, professor da Faculdade de Teologia de Lucerna.



FREI BETO: o machismo em questão

Como se concretiza a opção pelos pobres da Teologia da Libertação, no caso da mulher?

Frei Leonardo Boff produziu um livro considerado clássico, **O Rosto Materno de Deus**, situando a questão da mulher dentro da Teologia da Libertação. O que ele coloca é que na América Latina não dá para separar a questão da mulher do conjunto da opressão da sociedade, e ao mesmo tempo não dá para confundir a questão da mulher com a questão do homem: ela tem direitos específicos a conquistar. Deve ser vista numa dupla dimensão: integrada na caminhada de um povo pobre latino americano que aspira a sua libertação e, ao mesmo tempo, como um ser que, devido à sexualidade, carrega um peso maior de opressão.

Outra preocupação da Teologia da Libertação é resgatar o feminino na tradição cristã — daí a importância que o culto a Maria teve na redução da submissão social da mulher. O culto a Maria fez com que, progressivamente, a mulher fosse deixando de ser considerada como um ser imperfeito com relação ao homem.

Por força da influência da filosofia grega no século IV, a reflexão teológica feita por Santo Agostinho marginalizou a mulher de uma maneira que também existia na filosofia hebraica e que se reflete nas cartas de São Paulo, no Novo Testamento. Mas que não existia nem na prática de Jesus nem na Igreja primitiva. Na prática de Jesus, um dos fatores de subversão é justamente ele se fazer acompanhar por mulheres — e um rabi-

no judeu jamais se faria acompanhar por mulheres — e ter para com a mulher uma atitude de profundo questionamento face ao poder vigente. Por exemplo, quando ele defende a prostituta diante dos doutores das leis, dizendo que quem não tem pecado que atire a primeira pedra, e que as prostitutas os precederão nos reinos dos céus. Ou então no episódio da mulher cananéia, pagã, que tinha um fluxo de sangue constante, quando Jesus diz que em toda Israel não encontrou fé como a dela, e cura esta mulher. Episódios muito fortes no contexto teológico da época. Basicamente, Jesus colocou no centro aqueles que a sociedade colocava na margem. Entre eles, as mulheres.

Apesar de tudo isso, o machismo é extremamente forte dentro da estrutura da Igreja. Reflexo disso é o impedimento da mulher celebrar os sacramentos, se tornar sacerdote, bispo, ou mesmo papa. E na forma como a presença da mulher na Igreja foi historicamente considerada — como aquela que está a serviço do trabalho do homem.

Voltando um pouco: não entendo quando você diz que o culto a Maria ajudou a reverter a posição de submissão que a mulher ocupava na Igreja. O culto a Maria, virgem e assexuada, não me reforçava enquanto mulher. No máximo me trazia a culpa de não ser como ela...

O problema mais sério é que havia, ainda na Idade Média, uma suspeita teológica sobre se a mulher tinha alma ou não. Eu diria que a mulher foi salva pelos índios: com a descoberta da América

essa suspeição recaí sobre os índios.

Mas estou de acordo com o fato de que a virgindade de Maria fez com que se colocasse a consagração virginal como mais meritória do que o estado matrimonial. Isso do ponto de vista do Evangelho não tem o menor sentido, porque aquilo que a gente chama de santidade não se define pela virgindade e sim pelo amor.

Um dos sinais de que a questão da virgindade em si era secundária para Jesus está no fato dele ter chamado para apóstolos homens casados. O que para ele é valor é a renúncia a todo e qualquer impedimento para entregar-se a uma causa que exige entrega total.

Por que a encarnação divina se deu através de um homem?

Boa pergunta... Todo o processo de revelação de Deus se dá dentro da História, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. E se dá a partir e através das diferentes culturas. Dentro de uma cultura em que o homem tinha total predominância, como era a cultura hebraica da Palestina do tempo de Jesus, o que teria significado a encarnação divina se dar por uma mulher?

Foi certamente devido a esse fator cultural que não passou pela cabeça de Jesus escolher uma mulher para apóstolo. Estou acentuando o fato de que Jesus foi um homem histórico. Ele amava assim como só Deus ama, e é isso que define seu caráter divino.

Continua na pág. 13



MAURICIO SIMONETTI/4

Bonitinho mas ordenado...

Impossibilitado de responder ao Mulherio por estar de viagem a Roma, Frei Leonardo Boff indicou Frei Betto como alguém que partilha de suas posições. Aqui, a opinião de Frei Betto sobre as questões que mais atingem as mulheres, vistas da perspectiva da Teologia da Libertação.

sim, sou prostituta

Madalena Guilhon



“É engraçado ouvir que somos vítimas da prostituição. Somos vítimas, sim, de uma sociedade racista e machista.” “A negra não precisa ser prostituta para ser vista como tal. A identidade da mulher negra é o sexo, por causa da imagem socializada desde a escravidão.” “Existe uma pressão muito forte para continuarmos na zona, por causa do estigma”.

São falas das prostitutas presentes ao debate “Mulher: Prostituição, Racismo e Violência”, realizado a 18 de julho em Salvador, Bahia, com um público de 500 pessoas.

O debate contou com a participação da índia Pankararé Quitéria Maria de Jesus, de Brejo dos Padres, Pernambuco; de Gabriela Leite, do Rio de Janeiro; de Iolanda Toshi Ide, da Pastoral da Mulher Marginalizada de Lins, São Paulo; de Elizabeth Barbosa, da Pastoral da Mulher de Teófilo Otoni, Minas; e dos assessores Dom José Rodrigues, Bispo de Juazeiro e Frei Leonardo Boff. Ele marcou o início do 6.º Encontro Nacional da Pastoral da Mulher Marginalizada, que reuniu as equipes que trabalham com prostitutas de todo o País, de 19 a 22 julho, em Itaparica.

Aquí, Gabriela Leite fala sobre a importância desse trabalho da Igreja para as prostitutas e de sua vida na prostituição — que pode ser “em determinado momento de situação, uma escolha”.

Agradecemos a Alma Rosas Gámez pelo relato do Encontro.

“A grande maioria das prostitutas são religiosas, acreditam em pecado, têm medo do inferno.”

Sim, sou prostituta. Tenho 33 anos, nasci em São Paulo, de uma família da classe média com três filhas mulheres.

Meu pai tinha uma casa de jogo, era uma pessoa diferente. Já minha mãe é do interior, muito moralista, nunca aceitou minha vida. Das minhas irmãs, uma é casada e eu não posso nem ir na casa dela porque o marido não deixa. A outra é socióloga e tenho um bom relacionamento com ela. Quando eu tinha 18 anos tive um companheiro negro e minha família, que é racista, não aceitou. Tive que sair de casa e fui viver com ele. Trabalhava como secretária e à noite estudava Ciências Sociais. Quando meu filho nasceu, ali mesmo é que a família toda cortou comigo, menos minha irmã mais nova. Parei de estudar porque não tinha nem tempo nem dinheiro, o marido reclamava, e isso influenciou na separação. Fiquei seis anos com ele.

Você trabalhou muito tempo como secretária? Com quem ficava teu filho? Nessa época ele ficava com a avó paterna. Trabalhava como secretária em diversas multinacionais e ganhava razoavelmente bem. Tive muitas cantadas de chefe e uma vez fui mandada embora por causa disso. A justificativa era de que uma secretária não podia ter filhos. Ali fiquei desempregada quatro meses e não tinha mais a quem pedir dinheiro emprestado.

Um dia estava na rua procurando emprego, sem dinheiro sequer para a condução, vi passarem umas prostitutas e tive a ideia de experimentar. Eu não tinha preconceito contra elas, muito por causa do meu pai, da vida boêmia que ele levava por causa do trabalho. O primeiro dia foi difícil, horrível, ainda mais que eu era nova no pedaço e todos queriam experimentar.

Você não se sentia usada? Como ficava a

tua intimidade? Não tinha medo que eles fossem violentos? Acho que esse sentimento de uso eu sentia sim, mas era exatamente igual ao que eu sentia quando trabalhava como secretária. Claro que no início eu estava muito intimidada, mas depois você aprende a fazer tudo com naturalidade. Pessoalmente nunca passei por nada violento, acho que nisso tem muita fantasia. O que há são cenas de ciúmes entre as mulheres e os homens delas, na maioria das vezes.

Te conhecer foi um sentimento muito forte porque pra nós, feministas, a prostituição era um sofrimento permanente. Você é desmistificou isso: as prostitutas eram pessoas, mulheres com problemas iguais às outras. Uma coisa que eu repari também: você é muito maternal quando fala dos homens.

Talvez, não sei. Os caras que me procuram são na maioria pobres, quando aparece um cara diferente você sente logo. A relação com os homens que procuram o baixo meretício, seja aqui no Mangue, na Boca do Lixo em São Paulo ou em Belo Horizonte, perto da rodoviária, é exatamente a mesma. Tem muitos que nunca dormiram uma noite inteira com uma mulher. Eles também ficam intimidados, pouco à vontade. Muitos não fazem nada. Ficam preocupados com o desempenho e perguntam se foi bom, se fez bem feito. Há o mito de que a prostituta é aquela que sabe tudo sobre sexo.

Você já teve algum namorado desde que entrou pra prostituição? Isso não complica? Sim, isso já aconteceu. Algumas vezes ele já sabe que sou prostituta, e quando não sabe eu vou falando logo. Sempre acontece problemas, porque eles querem que você saia da zona, arranje um emprego “decente” ou vá viver com eles sem trabalhar.

Existe também o cafetão, esse vai direto nas cartilhas das mulheres e pouso a pouco vai tirando o dinheiro delas. Quando não consegue, cai fora. É uma espécie em extin-

ção, tem cada vez menos circulando na praça. Parece que as mulheres já estão sabendo trabalhar melhor suas carcerias. Com a crise econômica tem aumentado muito o número de prostitutas mas diminuiu o número de homens que as procuram. Os homens que frequentam o baixo meretício não procuram os travestis, por isso não existe competição nessa área. Quem procura os travestis são homens de classe média, e não vão enganados, estão mesmo a fim de homem. A polícia continua sendo o terror das prostitutas.

Você defende a prostituição como profissão. Fala um pouco disso.

Acho que só me assumi realmente como mulher quando fui pra prostituição. Me humanizei e cresci ali como mulher. O fato de ter estudado me traz uma responsabilidade maior. Eu não era a menina do Nordeste que engravidou, foi rejeitada pela família e foi parar na zona. Hoje, existo entre mulheres optando pela prostituição como eu.

Como é que fica essa herança moralista da sua mãe?

Com minha mãe sempre houve uma distância muito grande, ao contrário do meu pai. Minha relação com ela foi sempre muito difícil. Meu filho tem nove anos e sabe que sou prostituta. É criado por uma amiga minha lá em São Paulo, que é madrinha dele. Vou visitá-lo quando posso. O pai já foi ao Juizado pra tirar ele de mim. Foi difícil arranjar alguém pra me defender. Mas quando cheguei lá o juiz disse que o menino já tinha idade pra decidir com quem queria ficar e ele quis ficar comigo e com a Terzinha. Depois disso, fiquei pensando que muitas colegas perdem o direito aos filhos porque não têm coragem de brigar.

Por que você veio para o Rio?

Vim pro Rio há dois anos pra mudar de ares e gosto daqui. Aqui eu trabalho no Mangue, que está praticamente sendo extinto. Antes eram duas mil mulheres e agora são só umas 300, que trabalham em 15 casas. A principal reivindicação nossa é ter uma zona, um lugar pra trabalhar que seja asfaltado, pelo menos.

Como é que ficam os seus direitos na doença e na velhice?

Tive um problema de saúde, fui operada, não pude trabalhar durante um tempo. Foi ajudada pelas colegas. A velhice é um dos pontos mais sérios, tem muita mulher que trepa por um prato de comida. Algumas conseguem guardar alguma grana pro futuro, não é o meu caso. Tenho vontade de fundar uma associação em que nós mesmas contribuíssemos para ter um fundo permanente que seria usado para aquelas que estivessem mais necessitadas, um lugar pra quando estiver doente e pra ficar na velhice. Teria também curso de alfabetização, que é muito importante para dar consciência política às mulheres. Junto com outras colegas, fizemos uma cartilha que queremos divulgar. O problema é que meus recursos são limitados.

Como vocês controlam a fertilidade?

Eu não faço nada porque sempre tive dificuldade pra engravidar e agora tiro os ovários. A maioria toma pílula e quando fica grávida faz aborto. E quando não consegue dinheiro pra fazer aborto tem a criança e dá. Depois elas procuram esconder o fato, não vão falar mais nisso. As mulheres vendem quem trazem são os homens. Como as mulheres sa-

bem que se pegarem alguma coisa não vão poder trabalhar durante um tempo, elas colocam muito creme vaginal para se proteger.

O que é a Pastoral das Prostitutas?

No Rio só existe o Banco da Providência, ligado ao Cardeal Eugênio Salles, que quer extinguir a zona pois diz que só assim vai acabar a prostituição. Estão há 12 anos ali na entrada do Mangue e dão uma boa assistência médica. A Pastoral tem outra visão: ela não quer acabar com as prostitutas mas conscientizá-las politicamente para que lutem por seus direitos como todos os marginalizados.

A partir do último Encontro Nacional da Pastoral da Mulher Marginalizada, que aconteceu recentemente na Bahia e ao qual eu fui, ficou decidido que eu iria fazer o trabalho da Pastoral aqui no Rio. Não tem nada a ver com a Igreja do Cardeal Eugênio Salles. Quem organiza esses Encontros é a Igreja progressista; o Leonardo Boff foi o assessor do Encontro na Bahia; estavam D. José Rodrigues, bispo de Juazeiro, D. Frágoso, bispo

do Banco da Providência estava bastante incomodado com a minha presença e até disse para o Leonardo Boff que se eu não viesse logo embora ia atrapalhar o processo dele com o Vaticano.

Por que o interesse da Igreja pelas prostitutas e qual a importância desse apoio pra vocês?

A grande maioria das prostitutas são religiosas, acreditam em pecado, têm medo do inferno. Nesse Encontro vi que existem dentro da Igreja pessoas que fazem um trabalho sério, no sentido da prostituta se unir a outros movimentos, ter voz, e entendi que só vou conseguir levar bem o meu trabalho de conscientização junto das companheiras se coloco ao mesmo jeito com a religiosidade que existe no meio.

O interesse da Igreja é político, se ela não tomasse a si esse trabalho ela iria perder terreno. E existe o interesse moral, na repressão da sexualidade mesmo. Eu senti isso no Encontro de Salvador: toda vez que eu ou uma menina do Movimento Negro que estava lá



Lúcia Arruda, Fernanda Ramos e Gabriela: conversa entre mulheres.

de Cratêus, Frei Baruel e Padre Hugo, de São Paulo, e tinha freiras também.

Como é feita a organização desses Encontros?

Tem um grupo em cada Estado que trabalha com as prostitutas. Tem curso de alfabetização, de conscientização política. Aqui no Rio não tem nada disso e eu fiquei sabendo do Encontro por acaso, um dia que fui ao Banco da Providência. Como eu tinha lido um livro editado pela Pastoral, “Um grão de milho de escravos”, que é pessimo, fiquei com vontade de ir e dizer umas coisas. Arranjei uma grana e lá fui eu.

Cheguei e falei que era prostituta do Rio e que tinha ficado interessada no Encontro. Eles acharam ótimo porque nunca tinha ido uma prostituta do Rio. D. José Rodrigues disse para os jornalistas me entrevistarem, que eu é que era prostituta e não ele. Nessa noite tinha um debate aberto ao público e o pessoal da Pastoral me convidou pra fazer parte da mesa, junto com o Boff, D. Rodrigues, uma freira, uma prostituta de Teófilo Otoni, uma menina da Associação de Empregadas Domésticas de Salvador e uma índia. Quando defendi minha posição quanto à profissão, quanto ao aborto, bateram palmas e eu acabei respondendo à maioria das perguntas que vinham pra mesa. O pessoal

puxávamos o assunto, desconversavam e voltavam pro lance da Igreja. Não se conseguia falar em sexualidade. Portanto, mesmo a Igreja progressista coloca a prostituta como um produto do sistema econômico, cultural e político, mas deixa a mulher de lado.

Quando no Encontro eu defendi o termo “prostituta” e não “menina”, como a Igreja costuma usar, foi um alívio. No final as prostitutas presentes acabaram decidindo que queriam ser chamadas de “prostitutas”, mesmo.

Como você vê a relação com as outras mulheres, com as feministas principalmente?

Quem eu conheço mais são vocês, eu gosto, me sinto bem. Tem outras feministas que eu não gosto muito, são altamente intelectuais, parecem donas da verdade. A prostituição vai existir sempre, enquanto não mudar essa sociedade machista em que os direitos dos homens e das mulheres não são iguais. E as mulheres só vão conseguir conquistar verdadeiramente seu espaço na sociedade no dia em que elas considerarem as outras mulheres, as que estão hoje marginalizadas, como mulheres também.

Participaram desta entrevista: Ângela Borbo, Fernanda Ramos, Lúcia Leite, Lourenço Grzybowski, Lúcia Arruda (deputada estadual PT/RJ), Madalena Guilhon e Mara.



FREI BETO: O ...

Continuação da página 11

Qual a participação da mulher nas Cebes, comunidades eclesiais de base?

Acho que as Cebes são o único lugar da Igreja em que a mulher tem os mesmos direitos que o homem. Não que o sacerdote, mas que o homem leigo tem. Nas lutas em que o pessoal entra, a mulher é tão avistada, militante e atuante quanto o homem. Acontece que, pela experiência que eu tenho, no meio popular a distribuição social dos papéis entre homem e mulher é acidentalmente favorável à predominância do homem.

No meio popular o machismo é tão acentuado quanto em outros meios, mas é mais transparente, não é cínico como nas classes média e alta. Mesmo porque o homem popular, por força do pouco espaço social que tem por conta do baixo salário que recebe, não tem condições de manter duplicidade de vida. Enquanto nas classes média ou alta o adúlterio do homem é cometido sob disfarce, no meio popular ele é culturalmente admitido, muitas vezes até pela mulher, que considera que o homem pela própria natureza tem necessidade de, de vez em quando, manter relações com prostitutas. Isso não quer dizer que seja consciente e admitidamente aceito. A exigência é de que o cara não chegue em casa com o cheiro de rua e não crie vínculos fora de casa que comprometam a família.

Mas acho que o problema da sexualidade da mulher e do homem no meio popular é determinado pelo confinamento social que os dois sofrem, devido à exploração no trabalho. Por exemplo: a dimensão lúdica da sexualidade é muito pobre no meio popular, porque muitas vezes toda a família mora num mesmo quarto.

Voltando ao machismo, acho que este é talvez o problema cultural mais difícil de ser resolvido a curto prazo. Conheci duas sociedades onde o homem e a mulher têm os mesmos direitos — uma no extremo do socialismo, Cuba; e outra no extremo do capitalismo, a Suécia. E no entanto, o que mais me impressionou nessas sociedades foi constatar a força do machismo, muito maior do que aqui.

E o que você pensa sobre o vínculo existente entre sexualidade e concepção?

Se mesmo entre animais não há uma vinculação entre sexualidade e reprodução — quanto mais em seres conscientes. O princípio básico é o amor. A concepção deve resultar desse amor, e não o contrário. E a meu ver a sexualidade entre um homem e uma mulher que se amam tem o mesmo caráter da expressão litúrgica, ou seja, é uma esfera da vivência humana em que o discurso racional significa muito pouco. Portanto, todo gesto e todo silêncio adquire uma consistência que permite vislumbrar a transcendência.

Se se desvincula sexo de reprodução, é necessário falar de meios contraceptivos...

Acho que a direção da sexualidade e a avaliação ética dos diversos meios contraceptivos cabe ao casal. Mas sou radicalmente contra o aborto. O aborto tem raízes na sociedade, ou seja, acho que aborta-se porque a sociedade não oferece segurança para a vida. E sou muito reticente quanto a privatizarmos, na existência individual, soluções que deveriam ser dadas pelo conjunto da sociedade. Sou muito reticente quanto a oficializar os remédios da sociedade capitalista.

Você acha então que a última decisão não deve ser da mulher, concorda com a punição à mulher que aborta?

É claro que a decisão deve ser da mulher, esse é um reduto indezavável da nossa liberdade. E me assusta esse negócio das clínicas clandestinas, com seus cemitérios de anjinhos. Me assusta muito. Mas não consigo desvincular o problema do aborto de uma sociedade que não assegura condições sociais de vida.

Esse mesmo raciocínio provavelmente fará com que você seja contra a organização das prostitutas, que seria considerada também um remédio à sociedade capitalista?

Neste caso, sou totalmente a favor. Acho que se deve lutar para evitar a superexploração das prostitutas. Estou pensando na Nicarágua, onde a Frente Sandinista colocou a polícia para proteger as prostitutas dos proxenetas. Penso que a prostituição existe ou como opção de vida ou como recurso extremo de sobrevivência.

Qual o impacto que o ideário feminista teve, ou não, nos postulados da Teologia da Libertação?

Teve impacto, sim, e isso está claro no livro de Boff, O Rostro Materno de Deus. Teve e tem. O problema da mulher na Igreja é muito evidente. Há uma grande defasagem entre os discursos sobre os direitos da mulher e a situação concreta em que ela se encontra na hierarquia da Igreja.



ENCONTRO N IBS

Foi o II Encontro da Mulher Secundarista, promovido pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas — UMES-SP, nos dias 15 e 16 de setembro.

A iniciativa surgiu a partir da "preocupação de discutir os problemas específicos da mulher secundarista", como explica Nelci Jeane Kuiuavski, diretora da UMES, e da "necessidade de questionar a sociedade, o que implica, basicamente, em questionar a sexualidade", completa Isolda Ursula Rieder.

Na verdade, as discussões em torno da sexualidade começaram no início do ano, a partir do conhecimento de que só em um colégio (Caetano de Campos) havia cerca de quinze meninas grávidas e um desconhecimento generalizado do funcionamento do corpo.

O Encontro contou com a participação de Tatau Godinho Delgado, que discutiu o tema "A Mulher na Sociedade Hoje", e Marta Suplicy, que debateu a educação diferenciada.

Apesar de um número pequeno de participantes (aproximadamente 60, nos dois dias, incluindo 3 rapazes), o balanço é positivo na opinião de Nelci, pois "não havia nenhum registro na história (mesmo fora do Brasil) de um movimento de mulheres estudantes secundaristas. Nós contamos com meninas sem experiência de luta e ainda com um boicote do restante da entidade (UMES)".



Feminismo não é coisa só de balzaqueanas...

SÃO PAULO

Secundaristas discutem sexualidade

Foram tiradas duas propostas: a formação de um grupo de reflexão sobre sexualidade, com objetivo de passar nas escolas, promover debates, "levar a educação sexual pelas nossas mãos, e juntamente batalhar com o Estado", como diz Nelci, e a publicação de um livro com trabalhos (contos e poemas) que foram colhidos durante o Encontro, visando a maior participação da mulher secundarista na literatura. Houve ainda a proposta de se reivindicar atendimento

ginecológico e creches nas escolas (um avanço!).

Quanto ao feminismo, parece unânime a opinião de que é importante, mas ainda se encontra envolto em muito preconceito e deturpação. "A gente tem acesso a revistas que fazem piadinhas em cima das feministas, tem programas de televisão onde aparece a feminista querendo ser mais do que o homem", observa Isolda. E ainda o problema de todas as garotas que fizeram a divulgação do

Encontro, que ouviam coisas do tipo "ih... é feminista...". Apesar do medo de assumir publicamente, elas afirmam serem feministas e dizem que na escola o pior são os meninos: "feminista é sapatão; é menina para transar, é galinha". Pois é, enquanto as meninas vão à luta, os meninos devem cantar: "ainda somos os mesmos, e vivemos como nosso país".

Ivany Buzzo

"Me ensinaram a ser mais branca do que negra..."

Encerrado com uma moção dos homens negros que saudaram suas companheiras pela "beleza e garra", o Encontro de Mulheres Negras de São Paulo pode ser considerado um sucesso por suas 500 participantes.

Realizado de 10 a 12 de agosto por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras, o Encontro debateu a situação da mulher negra no mercado de trabalho, mulher negra x mulher branca, a questão estética da mulher negra, mito e realidade, creche, saúde e participação política.

Estudos apresentados dão conta da grave situação da mulher negra no mercado de trabalho. 43% das mulheres negras de São Paulo que percebem rendimentos ganham até um salário mínimo, ou ainda, 84% do total de mulheres negras não ganha mais do que dois salários mínimos.

Este dado, se comparado com dados de rendimentos de mulheres brancas, evidencia que a discriminação sexual se soma a discriminação racial, determinando um confinamento da mulher negra em funções subalternas e em níveis de rendimentos aquém das necessidades mínimas de sobrevivência.

Mulher negra X mulher branca

A discussão do Encontro apontou as dificuldades de relacionamento entre o movimento feminista e as mulheres negras, marcado por ressentimentos históricos e desigualdades latentes. Entre outros motivos porque, mesmo oprimida,



No Encontro das Negras o compromisso de não se submeter à estética branca

a mulher branca vem se beneficiando da desqualificação profissional, moral e estética da mulheres negras e não-brancas em geral. Seja porque é parceira do homem branco dominador, seja porque encarna o ideal feminino, seja porque possui a chamada "boa aparência" que, nesta sociedade, é sinônimo de branquira.

Assim, uma aliança entre mulheres negras e brancas só será possível se o movimento feminino questionar os privilégios sociais da mulher branca.

O debate sobre a mulher negra e a questão estética aprofundou a discussão

com relação à mulher branca, uma vez que são os padrões brancos de estética que são impostos sobre nós negras, configurando uma ditadura sobre o corpo negro, alienando-o de suas características específicas. E o Encontro aprovou recomendações no sentido de fortalecer a consciência racial: veiculação da beleza negra, crítica aos concursos de Miss Afro e intensa discussão em escolas, entidades que promovem concursos de beleza, etc...

O tema Mulher negra, mito e realidade abriu uma discussão sobre os estigmas e estereótipos que acompanham a mulher

negra, especialmente quanto à sexualidade, ao papel social da mulata. Esse debate contou com a reflexão de um grupo masculino e acabou polarizado em torno das relações interétnicas.

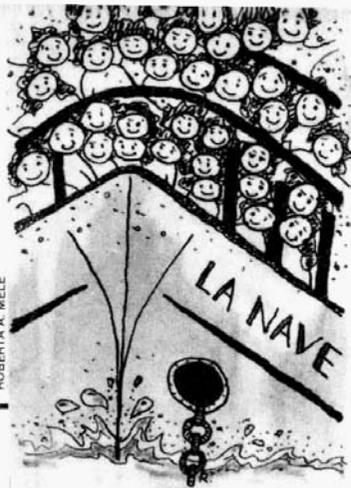
O homem negro foi apontado como o principal instrumento de miscigenação pela sua submissão aos padrões estéticos dominantes — a mulher branca. E ainda, que as condições de vida da mulher negra não permitem que ela encarne o "ideal feminino". Como disse Benedita Silva: "me ensinaram mais a ser homem do que mulher, mais branca do que negra..." A mulher negra acaba sendo o símbolo da anti-musa ou objeto sexual de segunda categoria

O debate sobre creche enfatizou a necessidade de interferência das mulheres negras no sentido de garantir a valorização dos traços culturais negros, fortalecendo a identidade racial de nossas crianças. E na questão da saúde foram destacadas as doenças que atingem fundamentalmente a população negra, como a anemias falciforme, a tuberculose e a hipertensão.

O Coletivo de Mulheres Negras está se empenhando agora em editar os anais do Encontro

Sueli A. Carneiro

pelo Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo



ROBERTA A. MELE

BRASIL 85

La Nave vem

O século XX, essa menina de olhos arregalados, assistiu ao surgimento de várias vanguardas artísticas, duas guerras mundiais, e a organização do feminismo como sentimento internacional. O segundo sexo questiona sua colocação no mundo, a mulher sombra do homem enche-se de luz, tornando-se chama.

Bogotá 1981

Trezentas mulheres se reúnem. Realizam o I Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe. Durante quatro dias o cotidiano se chama mulher. As bisnetas de índias européias e africanas inauguram a confraternização. Na condição de mulher: as mesmas violências, os mesmos preconceitos e a permanente crise econômica e social, raízes. Descortina-se a identidade. Discursos, discussões, debates, mas nas entrelinhas do encontro descobrem a conversa de ser mulher.

Lima 1983

Seiscentas mulheres se reúnem. Chegam em bandos nos ponchos andinos e camisetas litorâneas. Realizam o II Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe. Durante quatro dias dormem e comem juntas. Reafirma-se a identidade. O patriarcado — nos seus golpes milenares — é virado ao avesso. Brilha a estrela do encontro: a mulher de corpo inteiro vendo e revendo a si mesma.

São Paulo 1985

Mil e duzentas mulheres? Vindas do México ao Uruguai?

Em Lima, seiscentas feministas escolheram e referendaram a realização do III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, no Brasil. Pagamos o metrô a mil, temos pela frente uma aventura histórica. Nos, a comissão aberta pró III Encontro, caixa postal 11.349, começamos a fomentar sua realização. Tudo está para ser feito, as primeiras energias são para garantir: alojamento, alimentação e um sistema de contatos. A responsabilidade é imensa, manter o sonho do encontro acordado. Estamos solicitando financiamento às Fundações através de projetos; criamos uma comissão de comunicação encarregada de tecer a rede de informação entre as feministas do continente. A face do encontro se desenha, sua arte final depende da participação, sugestões e trabalhos de nós feministas.

Que o lobo mau não saia de sua fábula, o feminismo pode ser um brandy. Um encontro preñado de possibilidades. Mulheres na mesma nave: na popa as trocas, na proa as esperanças, a estibordo as experiências, a bombordo as intimidades.

Fernanda Pompeu e Jacira Melo fazem parte da comissão organizadora do III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe.

Caixa Postal 11.349 - Cep 05499 - São Paulo-SP

RIO

Feminismo na ALERJ

Lucia Arruda, deputada estadual do PT-RJ, promoveu no dia 22 de setembro, junto com o deputado estadual Godofredo Pinto (PMDB-RJ) um seminário bem ao estilo feminista sobre Direitos da Reprodução.

Assim, num sábado inteiro a Assembléia Legislativa do Rio foi invadida por 300 mulheres e 50 homens que, divididas em pequenos grupos de reflexão, com coordenação feminista, espalhados pelos corredores, falaram de sua vivência e aprendizagem quanto à sua função reprodutora.

Cada grupo produziu sua "linha da vida" assinalando em cada fase - infância, menstruação, adolescência, juventude, maturidade, menopausa - a vivência, aprendizado e situação dos serviços públicos relativos à função reprodutiva.

Angela Borba - Rio

COLOMBIA

Mulher no 3º Mundo

Organizado pelo CEDE (Centro de Estudos de Desenvolvimento Econômico) da universidade de Los Andes, realizou-se em Bogotá de 6 a 11 de agosto o primeiro Seminário sobre a mulher no Terceiro Mundo, reunindo cerca de 20 participantes, com representantes da Índia, Bangladesh, Sri Lanka, Nigéria, Tanzânia, Quênia, Egito e Brasil.

A participação da mulher no mercado de trabalho, condições de vida familiares e fatores ideológicos que sustentam a subordinação feminina foram as principais questões tratadas.

Surpreendeu a situação de relativo desenvolvimento alcançado pela pequena ilha de Sri Lanka, na qual a mulher tem

relevante participação econômica e social. Ao mesmo tempo causa impacto a dramática realidade vivida pelas mulheres pobres nas zonas rurais de Bangladesh e da Índia, onde até os alimentos e os cuidados com a saúde são distribuídos desigualmente, sempre em prejuízo do sexo feminino. A situação é tão crua que na Índia há mais homens do que mulheres, porque estas têm vida mais curta e morrem mais na infância do que o sexo oposto.

Como recomendação final do Seminário, foi elaborado o projeto de um amplo e dinâmico Centro de Documentação, a ser sediado no próprio CEDE.

Cristina Bruschin

Leia e Assine PRESENÇA, um espaço pluralista para pensar o Brasil, a democracia e o socialismo.

Assinatura anual (4 números) - Cr\$ 20.000,00
Numeros avulsos nas livrarias

Nome _____
End. _____
Bairro _____
CEP _____
Cidade _____
Estado _____
data _____

Assinatura
cheques para Editora Caetés, Av
Rebouças, 1104, conj. 42
CEP 05402 - São Paulo - SP

PRESENÇA

escola e trabalho
creche

professores

política educacional

discriminação

família

universidade

educação sexual

próximo nº:
ALFABETIZAÇÃO

Você encontra tudo isso em:

CADERNOS DE PESQUISA

Assinatura: Cr\$ 18.000,00 nº avulso Cr\$ 5.000,00
Pedidos com cheque nominal à Fundação Carlos Chagas
Av. Prof. Francisco Marato, 1565, CEP 05513, São Paulo, SP

TELEFONES

Com apenas Cr\$ 500.000,00 de entrada
você pode ter seu telefone em sua
residência. Temos vários planos até 20
pagamentos.
Seguro absolutamente.

R. Tabatinguera 91, 3º andar
São Paulo

LÍBANO TELEFONES

37.2710



CLASSIFICADOS

Zulaie Cobra Ribeiro. Advogada Criminal.
Telefone (011) 35-1002 - Endereço: Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, SP.

Margareth Martha Arilha. Psicóloga clínica. Atendimento de adultos, de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas. R. Caracas, 48, Jardim Paulista, São Paulo.

Parlez-vous français? Se você quer aprender francês com um simpático suíço (que fala português) é só telefonar para Stéfán, 814-5767 e marcar dia, hora e local. E, claro, combinar preço.

Faço traduções - Inglês e alemão - gosto de trabalhar com assuntos ligados ao movimento feminista, política e literatura. Telefone para Ines, no número 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).

Mel puríssimo de flor de eucalipto, do campo e de laranjeira, diretamente do apicultor para você. Bem baratinho. É só telefonar para 273-6573, após as 16hs, ou para 814-5767.

agência

f4

**DE OLHO
NO MUNDO**

As melhores imagens sobre o que ocorre no Brasil: movimentos de mulheres, condições de vida, problemas indígenas, cultura, lazer, política. Tudo é registrado pelas objetivas de profissionais em todo o país.

Arquivo de 600.000 fotos cor e branco e preto

Agência F. 4 Fotografias S/C Ltda
Rua Botucatu, nº 94
04023 - São Paulo - SP
Fones: 571-6025/572-4189
Telex: (011) 35710

PIU PIU

Venha curtir
a intensa
movimentação
de um bar onde
acontece de tudo

Rua 13 de Maio, 134 Tel.: 258-8066



galeria
de arte e
molduras
Ltda.

ARTEBELA

Gravuras de Volpi, Aldemir, Djanira, Tozzi, Renina, Faygo, Dara, etc. Desenhos e aquarelas de novos artistas. Todo tipo de moldura em madeira, alumínio, laca, ouro envelhecido, prata, etc. Atendemos na sua própria casa. Desconto de 20% com a apresentação deste anúncio. Rua Artur de Azevedo, 2102. Fone: 815.7786



Livraria
PAGU

Fundada em 19 Editoria

a primeira livraria
da mulher brasileira

rua dos Ingleses, 209, São Paulo

aberta de quarta a domingo, a partir das 18 hs.

O CORPO É NOSSO...

Se os governos se reúnem no México e traçam políticas de população que, por fim, vão afetar a saúde das mulheres, por que as próprias mulheres não vão se reunir e julgar as atividades dos governos? Foi isso que mais de 420 mulheres de 75 países fizeram em Amsterdam, em fins de julho.

Do Brasil foram 14 médicas, enfermeiras, ou "leigas" que trabalham com a saúde da mulher. Mulheres do Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Brasília, Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo. Dentre elas, Marilza Ribeiro, da Associação das Mulheres de Mato Grosso, Marina Rea, médica integrante do Conselho da Condição Feminina (SP), Maria José Araújo, médica das Casas da Mulher (SP) e Danda Prado do jornal Sexo Finalmente Explícito (RJ) nos contaram da IV Conferência Internacional sobre Mulher e Saúde e o Tribunal sobre Direitos Reprodutivos.

Organizada pelo ICASC (International Contraception Abortion and Sterilization Campaign), a Conferência contou com a presença maciça de mulheres do chamado Terceiro Mundo, inclusive dos movimentos índios da Austrália, integrantes da SWAPO (Namíbia), exiladas latino-americanas na Europa, mulheres inválidas organizadas.

Manhãs tristes Tardes alegres

As manhãs do Encontro eram dedicadas às denúncias, que não foram poucas, nem leves. Em Bangladesh, as mulheres recebem dinheiro do governo se forem esterilizadas e os médicos cumprem uma cota mensal de esterilizações. Em Sri Lanka, as mulheres que não aceitam a esterilização depois do primeiro filho perdem o direito de dar a luz em hospital. Em Porto Rico, os alimentos estão tão contaminados por estrógeno, que crianças e homens vão desenvolvendo seios.

Na Irlanda, os anticoncepcionais são acessíveis apenas para gente legalmente casada. A esterilização, apesar de permitida por lei, é praticamente impossível de ser realizada, já que os médicos são obrigados a assinar o Código de Ética da Igreja Católica. De 3700 mulheres que fizeram aborto, 75 por cento não usavam qualquer método contraceptivo.

E mais, na Iugoslávia, o aborto é legal, com anestesia, servindo na prática como contraceptivo, já que não existem no país métodos em quantidade suficiente para a população. Na Espanha, onze mulheres estão sendo julgadas por aborto em Bilbao. Em Saragoza uma jovem cumpre pena de cinco anos pelo mesmo motivo. Enquanto na África do Sul, o aborto é legal e estimulado em meninas

negras, um instrumento, portanto, da política do **apartheid**.

Mas, se as denúncias se sucediam pelas manhãs afora, as tardes da Conferência eram dedicadas a oficinas de trabalho com massagens, tratamentos à base de ervas, plantas, homeopatia, auto-exame ginecológico, diafragma, técnicas de aborto menos nocivas. E ainda grupos de discussão em torno dos temas medicamentos, alta tecnologia em reprodução, o sistema de saúde que queremos, heterossexualidade como padrão, etc.

Depo-provera em discussão

Um grande debate foi realizado sobre depo-provera, sem que houvesse consenso pela aprovação ou repúdio deste método contraceptivo. A depo-provera é injetada nas mulheres e seu efeito dura três meses. Comprovadamente provoca irregularidades na menstruação, aumento de peso, perda da libido. Mas as acusações de que causaria câncer ou outras doenças graves não estão provadas.

As indianas defendem a depo-provera, já que é um método bem aceito por mulheres que utilizam anti-concepcionais à revelia dos maridos. Para elas, melhor uma injeção a cada três meses do que uma cartela das pílulas, difícil de esconder, ou um diafragma.

No entanto, pode-se afirmar hoje que este método é socialmente dirigido. Seu endereço? Presidiárias na Holanda, imigrantes e inválidas na França...

Nós decidimos nossa saúde

Mas, se sobre depo-provera ou intervenção das feministas nas redes públicas de saúde, entre outros temas, não houve consenso, uma questão é mais do que clara para todas na Conferência e que se expressa no lema "Controle da População: NÃO, as mulheres decidem". Enviando seu recado para a Conferência do México, Amsterdam condenou as práticas de controle demográfico.

Para nós, aqui do Sul do Equador, o saldo da Conferência foi uma proposta de criação de uma rede latino-americana de grupos de saúde da mulher. E mais o estímulo que muitas latino-americanas sentiram para montar ambulatórios de mulheres para mulheres.

Nada melhor. Se as insônias, enjôos, grilos com contraceptivos ou corrimentos são nossos, quem melhor do que nós mesmas para cuidar da nossa saúde?



Uma lanterna (ou abajur, como na foto), um espéculo e um espelho é tudo que se precisa para fazer um auto-exame ginecológico. Aprender nosso corpo, descobrir que o colo do útero é cor de rosa e lindo, detectar corrimentos simples e aprender a tratá-los. O auto-exame vem se disseminando entre as mulheres do mundo inteiro.

... eles não acham.

Em agosto aconteceu no México a Conferência Mundial sobre População, onde foram avaliadas as mudanças demográficas ocorridas nos últimos dez anos e estabelecidas metas para o futuro. Com profundas implicações para as mulheres do mundo inteiro.

“— Os estrategas de controle da população descobriram que é eficaz investir na valorização da condição feminina para diminuir a fecundidade. Se na Conferência anterior, de Bucareste (1974), as mulheres eram incluídas no capítulo **Reprodução** das resoluções, hoje elas conformam um capítulo à parte.” — explica Elza Berquó, presidente da Associação Brasileira de Estudos de População.

Ou seja, o discurso de valorização da mulher tem por objetivo reduzir o número de nascimentos. As propostas de acesso à contracepção contidas nos programas de planejamento familiar, porém, vêm de encontro às necessidades das mulheres, de regular sua fecundidade por N motivos. No Brasil, por exemplo, muitas mulheres não querem filhos dada a situação de pobreza.

Em seu discurso no México, o Minis-

tro da Saúde do Brasil, Waidyr Arcoverde, disse que “As políticas de população não podem representar um substitutivo para as políticas de desenvolvimento.” E que o planejamento familiar “deverá ser encarado como parte integrante do atendimento público à saúde.”

O discurso é uma beleza. Mas não podemos esquecer que funcionam no Brasil 92 entidades privadas de planejamento familiar que atuam de forma mais do que nociva à saúde das mulheres, sem qualquer controle do Ministério da Saúde.

Enfim tanto no México, onde princípios de auto-determinação dos povos, liberdade dos casais foram tão apregoados, quanto no Brasil, discurso e prática tendem a não se complementar.

Pois, segundo as recomendações do México, as políticas de população de fato não substituem políticas de desenvolvimento econômico, MAS, se estas últimas forem lentas, será sempre um bem diminuir o crescimento populacional... Com métodos impostos ou “altamente sugeridos”, desrespeitosos da real liberdade de escolha...

Ethel Leon

INteR na CIONAL

JAPÃO

É só tomar e abortar. Será?

Está para ser lançada no mercado farmacêutico internacional a pílula **Preglandin** que, colocada na vagina, provoca contrações do útero e em seguida aborto.

O Movimento Feminista Radical Japonês prepara-se para uma grande campanha contra a difusão do **Preglandin** porque seu uso "converterá as mulheres em cobaias, expondo-as ao perigo de um sério desequilíbrio hormonal", afirma a feminista Yumi Fanssonyanagisawa.

O hormônio prostaglandina é usado há mais de dez anos, sob forma de injeção para acelerar o

processo do parto. A fórmula da pílula abortiva — que é feita com esse hormônio — é nova, de responsabilidade da Ono Medical Company, que há três anos solicitou ao governo japonês licença para introduzi-la no mercado.

Até o momento **Preglandin** demonstrou ter 90% de êxito. Entretanto, como a potência do hormônio é muito forte, pode provocar uma perfuração do útero, sobretudo se é utilizado para interromper uma gravidez de menos de 13 semanas.

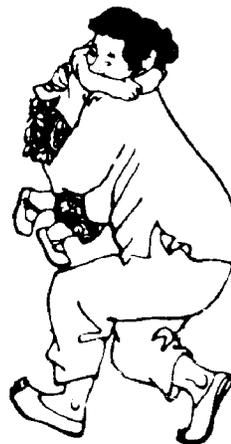
Diante das denúncias das feministas e também dos ginecologistas (preocupados com a diminuição da clientela que **Preglandin** provocará), o governo japonês decidiu restringir a utilização da pílula a hospitais ou ginecologistas, e só depois dos três meses de gravidez. (OIM-IPS)

CHINA

Mulheres não têm vez

A Federação de Mulheres Chinesas está em campanha contra os assassinatos de meninas engendradas pela política governamental de controle da natalidade. O governo quer limitar as famílias a ter apenas um filho. Já que os meninos são mais valorizados socialmente, vem aumentando a prática de matar as filhas em todo o país.

Nos dois últimos anos mais de 40 meninas foram afogadas numa pequena aldeia. Muitas mulheres vêm denunciando os maus tratos que recebem dos maridos, sogras e pais quando dão a luz a meninas. Outras



chegam a dizer que preferem morrer do que falhar em ter um filho homem.

E a justiça vem se mostrando branda para com os assassinos de meninas. Um homem que matou sua filha recém-nascida foi condenado a uma pena menor do que as mulheres que retiram o DIU ilegalmente!

A campanha da Federação vem denunciando que o infanticídio e a violência contra as mulheres são crimes, tornando-se, assim, um movimento contra a superioridade masculina e a discriminação sexual.

(ICASC — International Contraception, Abortion and Sterilisation Campaign)

BOLÍVIA

Aborto é anticoncepcional

Em nove hospitais de La Paz, Santa Cruz e Cochabamba, de um total de 20 mil mulheres internadas em um ano nas seções ginecológicas, 40% estava lá por complicações de abortos intencionais. Nos hospitais públicos as complicações por aborto ultrapassavam 70% das mulheres internadas.

Apesar dessas taxas elevadíssimas, o aborto na Bolívia continua sendo um problema que não se encara, não se debate, não se investiga e que raras vezes é colocado publicamente.

(OIM-IPS)

MULHERIO É UM ÓTIMO PRESENTE

Use o cupom

Assinar **Mulherio** é bom e barato. E é a melhor maneira de você resolver aquele presente complicado, de aniversário ou Natal. Ou receber você mesma(o), o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. É fácil. Só preencher o cupom ao lado. Ou simplesmente ir até qualquer agência do banco Itaú, com o guia abaixo. Você deposita o dinheiro e já recebe o recibo de assinatura. Qualquer dúvida, veja as instruções no verso.

ou o guia Itaú

assinatura de 5 números (17 a 21) Cr\$ 9.000

especial sócio/a colaborador/a Cr\$ 18.000

assinatura de 4 números (18 a 21) Cr\$ 7.200

especial sócio/a colaborador/a Cr\$ 14.400

assinatura de 3 números (19 a 21) Cr\$ 5.400

especial sócio/a colaborador/ Cr\$ 10.800

coleção de 12 números (não esgotados) Cr\$ 10.000

nome		profissão	
endereço			
cidade	cep	estado	fone

Estou enviando o cheque cruzado n.º _____ do banco _____ em nome do Núcleo de Comunicações Mulherio. data ____/____/____

Para rua Amália de Noronha, 268, CEP 05410, São Paulo, SP.

Preciso de recibo sim não

Banco Itaú S.A.		Depósito para Crédito em Outras Agências	
Favorecido	Conta	DAC	
Núcleo de Comunicações Mulherio	29782	4	
N.º e nome da agência	Valor Cr\$		
0444 - SP - Teodoro Sampaio			
Nome do assinante/depositante	Profissão	Idade	
Endereço do assinante	CEP	Cidade	Estado
Indique aqui qual a espécie de depósito que está realizando.			
<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro			
<input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso			
Autenticação			
Assinatura do assinante/depositante			
Depósito recolhido conforme circular SC-7			
Banco			

Banco Itaú S.A.		Recibo de Depósito	
Favorecido	Conta	DAC	
Núcleo de Comunicações Mulherio	29782	4	
N.º e nome da agência	Valor Cr\$		
0444 - SP - Teodoro Sampaio			
Nome do assinante/depositante			
Este recibo refere-se ao pagamento da assinatura do jornal Núcleo de Comunicações Mulherio, pelo período de um ano (seis números).			
<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro			
<input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso			
Autenticação			
O valor acima registrado só será válido sem emendas, rasuras ou ressalvas e feito em máquina do Banco.			
Assinante/depositante			



CONVERSA COM VERENA

Inês Castilho

*Uma das pioneiras em pesquisa sobre mulher no Brasil, Verena Stolcke, 47 anos, esteve aqui em agosto para avaliar os projetos sobre mulher financiados pela Fundação Ford. Formada em Antropologia em Oxford, Inglaterra, ela deu aulas em Campinas durante quase toda a década de 70 e atualmente mora em Barcelona, Espanha. Em conversa com o Mulherio, ela fala sobre as trabalhadoras rurais volantes, tema de sua tese *Trabalhadoras e Esposas*, conta um pouco de sua trajetória de vida e analisa a nova fase por que passa o movimento feminista.*

“Comecei a fazer a Universidade aos 26 anos, já casada”. Em 67 passei um ano em Cuba e em 70, já na Inglaterra, acabei de escrever minha tese, “Matrimônio, classe e cor em Cuba no século XIX”. Na verdade comecei a estudar e a parir ao mesmo tempo: minhas duas filhas nasceram no meio da tese.

Soube então que estavam procurando antropólogos para vir ao Brasil. Nunca tinha dado aulas antes e estava atemorizada. Mas de susto em susto fui gostando e ficando: os dois anos que pretendia ficar viraram nove.

Durante esse tempo meu marido estava no Peru. Passava por aqui, mas eu vivia só com as crianças. Foi muito bom perceber que podia me virar sozinha, pois acho que o maior problema para nós é conseguir ser autônoma para existir por conta própria, e ao mesmo tempo estar disponível para se relacionar com os outros.

Em 72 comecei minha pesquisa com as trabalhadoras volantes — elas não gostam de ser chamadas de bóias-frias. Me aproximei delas perguntando sobre questões muito práticas: comida, família. Colhendo suas histórias de vida tentava entender a passagem do colonato para o trabalho assalariado.

No colonato havia um contrato anual de toda a família com o proprietário da fazenda. Um contrato com o homem, o chefe da família, mas que supunha o trabalho da família inteira no cultivo e colheita do café. Em troca, eles podiam usar a terra para a subsistência e o homem recebia um valor em dinheiro, segundo a quantidade de café colhido.

Havia uma divisão sexual do trabalho bem marcada. Os homens trabalhavam no café e ajudavam na roça (para subsistência). As mulheres faziam os trabalhos domésticos, criavam as crianças, trabalhavam na roça e ajudavam no café. Mas em termos de esforço, o trabalho da mulher e do homem era comparável.

Em termos de esforço, hoje em dia, são as mulheres que trabalham mais. Agora os homens trabalham as horas legais e as mulheres, além delas, têm o trabalho da casa. Essa mudança trouxe consequências contraditórias para os papéis sexuais. Os maridos perderam o controle sobre a força de trabalho familiar e sobre a entrada do dinheiro. O fato da mulher ter que sair para o trabalho, tanto quanto o homem, diminuiu o status do marido.

Isso implica numa certa desmoralização dos homens, que perderam muitos de seus atributos como chefes de família. Resultado: alcoolismo, violência conjugal (que não é privilégio dos pobres, simplesmente os ricos são mais capazes de encobrir), abandono e desagregação familiar, que faz aumentar o número de mulheres chefes de família.

Passei seis anos com esse pessoal. Estive lá agora, visitando-as, e duas delas — uma muito articulada porém muito obediente, e a outra muito assustada —, as duas me disseram: “Agora a gente responde mais”. Essa coragem é produto de uma década de luta pelos seus direitos. Lutas individuais na Justiça, lutas coletivas, pequenas resistências no cotidiano.

Avaliando os projetos de mulheres

Estou no Brasil fazendo um levantamento dos projetos sobre mulheres financiados pela Fundação Ford, com o objetivo de tornar os financiamentos mais eficazes, descentraliza-los, articular os projetos entre si e localizar as questões prioritárias.

Encontro o feminismo com considerável força e capacidade de empreendimento. O que contrasta com o que se diz, que há um impasse no movimento feminista. Acho que se trata de uma segunda etapa, que tendo a considerar como a nova etapa que ocorre também na Europa.

Na primeira etapa conhecemos melhor a nós mesmas, nossa situação e o mundo em que vivemos. Aprendemos o que o mundo nos faz. O grande problema, agora, é mudar essa situação. Que formas de organização necessitamos para eliminar os “olhos de peixe” que temos nos pés.

O fato feminista já existe na sociedade, não pode mais ser negado. Agora o impasse está em ir mais fundo. E para isso me parece importante atuar coletivamente, mesmo porque já há uma consciência coletiva dos problemas das mulheres nos movimentos da periferia — clubes de mães, movimentos por creches, associação de empregadas domésticas.

Agora, é ampliar essa identidade coletiva, sem se comprometer demais com os agentes oficiais, como por exemplo o Estado. Trabalhar na mobilização das bases, nas periferias, com as trabalhadoras. Conhecer sua situação real de vida, suas aspirações, e ir no ritmo delas, e não no nosso, pois se trata de classes sociais diferentes.

Trabalhar inclusive com a base das mulheres de classe média, um grupo extremamente contraditório, descobrindo suas lealdades básicas de classe ou de sexo. Voltar-se para as jovens, para as negras. Denunciar, mas sem repetir os velhos esquemas de paternalismo ou maternalismo.

MULHERIO

Instruções para Depósito

Este depósito pode ser efetuado em qualquer agência do Banco Itaú, de acordo com a circular interna do Banco SC7.

Se você não quiser recortar seu jornal para fazer a assinatura, é simples: vá a qualquer agência do Banco Itaú e preencha um formulário de depósito para crédito em outras agência, modelo 1721, ou uma solicitação de ordem de pagamento modelo 88, para crédito na conta 29782-4, em nome de Núcleo de Comunicações Mulherio, agência 0444-SP-Teodoro Sampaio. Para isso você não terá qualquer despesa adicional, pagando apenas o valor da assinatura. Acrescente no formulário, por favor, sua profissão e idade, para fins de cadastramento de nossos assinantes.

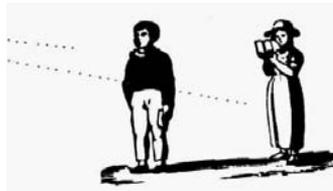


ESPORTE

Angélica campeã

Mais uma campeã no esporte: Angélica de Almeida, paulista de 19 anos foi a primeira colocada na Maratona Internacional de Avon, dia 23 de setembro. Seu tempo foi de 2h49'10, 24 segundos menos do que conseguiu na Maratona de Nova Iorque, no ano passado.

Atleta do São Paulo Futebol Clube, Angélica vivia na FEBEM até sete anos atrás. Treinou no Pinheiros, nos primeiros tempos e, apesar de seus recordes não foi incluída na equipe olímpica. Pior para o Comitê Olímpico Brasileiro, porque Angélica continua firme e forte. Preparando-se para a Maratona de Nova Iorque (23 de outubro) e para a São Silvestre.



HOLANDA

Crianças nas sex-shops

Fazia dez anos que não se via nenhum capacete de polícia no "reino do prazer" de Amsterdã. No último mês de julho, frequentes batidas policiais nas sex-shops da cidade começaram a pôr em polvorosa os ricos comerciantes de bonecas e pênis infláveis, vaginas "dernier cri", além de revistas e pilhas de filmes super-8. O objetivo da operação: impedir a expansão das revistas e filmes pornográficos cujos atores principais não têm mais de 7 ou 8 anos de idade.

O fenômeno da pornografia infantil tomou proporções tais que nos últimos anos a venda desses produtos constituía a metade dos lucros das sex-shops. Uma das

maiores atrações da pornografia holandesa para os turistas estrangeiros, em cujos países esse tipo de comércio é severamente reprimido.

Os filmes são de produção amadora de baixos custos, e de lamentável qualidade. O cenário é frequentemente o domicílio familiar: pais pouco escrupulosos se permitem, dessa forma, aumentar sua renda mensal ou regularizar seu crédito hipotecário. E isso às custas de algumas pressões sobre as crianças, do tipo queimaduras de cigarro.

Segundo as autoridades holandesas, o mundo do sexo mudou enormemente nos últimos anos, os gostos e costumes dos consumidores desses artigos chegando cada vez mais aos confins do imaginável. Não se contentando em olhar crianças obrigadas a 'transar' com cachorros, a tocar o sexo dos adultos, essas pessoas começaram a por em prática suas fantasias de

mau gosto. As violências sexuais com relação às crianças aumentaram consideravelmente nestes últimos tempos, segundo algumas associações que estão denunciando essas agressões. Tudo indica que as denúncias internacionais forneceram o pretexto para a operação policial nas ruas de Amsterdã. Enquanto isso, o ministro da Justiça holandês decidiu apresentar um projeto de lei visando liberalizar a distribuição das revistas pornográficas... Quem é que entende? (Jornal Libération, 8.8.84)

BELO HORIZONTE

Creches como alternativa

Distribuição de sopa, abertura rotativa de frentes de trabalho, implementação de micro-unidades de produção — corte e costura, tempero e horta comunitária. Estas são as respostas do governo mineiro às exigências da população da região industrial de Belo Horizonte, organizada em torno das creches. A crise econômica fez com que as creches atendessem não só as crianças, como seus pais e população local desempregada. (Júnia Leonel e Giselle Andrade — participantes da Associação de Apoio às Creches Casa da Vovó).

Salve o Verde!

Acaba de ser lançado em São Paulo o jornal ecológico **Estado de Alerta**, com matérias sobre agrotóxicos, desertificação, o grupo Greenpeace, o Partido Verde. Longa vida ao jornal!

O jornal de livros, autores e idéias

Especial para o Mulherio

Faça uma assinatura anual e receba LEIA por treze meses.

- semestral Cr\$ 7.500,00
- anual Cr\$ 15.000,00

exterior:
semestral — US\$ 20
anual — US\$ 40

nome: _____

endereço: _____

cep: _____

cidade: _____

Estado: _____

especial para o Mulherio
assinatura especial com 13 exemplares

envie este cupom junto com cheque nominal para
Cia. Editora Jorjés (LEIA)
Rua Pinheiros 928
05422 — S.Paulo



Regina Mulher

Inês Castilho

Como foi seu contato com as mulheres cubanas?

Foi um encontro muito bonito. Cuba foi talvez o lugar onde senti a identidade mais forte do público com um personagem meu, em toda a vida. Senti que as cubanas são as verdadeiras Malus. Elas vivem numa sociedade que precisou da mão-de-obra feminina e por isso deu um valor a elas que nenhum sistema dá. O povo cubano é profundamente machista, talvez até mais que o brasileiro. Então, minha interpretação é de que foi a realidade econômica que impôs a esse povo, com um machismo tão arraigado, fazer uma revolução feminina tão forte.

Mas a mulher cubana ainda é a única responsável pelo trabalho doméstico, não é mesmo?

Sim, elas arcam com toda a responsa-

bilidade doméstica. Uma operária me fez um apelo desesperado: "Malu, você precisa dizer pra eles ajudarem a gente em casa. Porque meu marido chega, botta o chinelo e senta na frente da televisão, enquanto eu preciso colocar a roupa de molho, preparar o jantar, atender as crianças e ainda fazer o almoço do dia seguinte, porque ele não gosta de esperar quando vem almoçar." E tirânico, o que fazem com elas lá. E com isso elas levantam duas horas antes e vão dormir duas horas depois que o resto da família.

Como você vê, hoje, a personagem Malu?

Malu era, na época, uma mulher privilegiada com relação à maioria das mulheres brasileiras. Representava uma minoria. Hoje eu olho e vejo que ela cumpriu o seu papel: abriu caminho, divul-

O grande sucesso da série Malu Mulher levou Regina Duarte a Cuba durante oito dias, em janeiro, a convite da Casa das Américas. "Costumo dizer que não vi, mas fui vista em Cuba", ela fala, ao mesmo tempo que revela sua ternura pelo povo cubano — "um povo generoso, carente de informações, com muita dificuldade em tudo o que exige tecnologia mas com um talento e criatividade excepcionais."

"Vi um espetáculo de teatro esplêndido: texto lindo, encenação grandiosa. Oitenta atores em cena, todos contratados pelo Estado. No Brasil, quando se coloca 30 pessoas no palco é uma glória. Quando se vê 80 em cena você chora, eu chorei de emoção."

Nesta pequena entrevista, realizada durante a gravação de "O Eterno Feminino", episódio de Joana de autoria de Renata Pallotini que inclui um debate realizado no Conselho da Condição Feminina paulista, Regina conta como foi seu contato com as mulheres cubanas e o que pensa de seus personagens mais famosos, Malu e Joana.

O direito de nascer Malu

"O que os homens cubanos não podem aguentar é ver refletidas na televisão e transmitidas para todo o país normas de comportamento que já faz tempo são conquistas práticas da mulher cubana." Essa a explicação mais sucinta que encontrei, durante o verão passado — do hemisfério norte — e durante a visita de Regina Duarte a Cuba, para a extraordinária aceitação da série *Malu Mulher* por lá e do estado de deliberação nacional que instalou na Ilha caribenha. Na boca daquela radiologista cubana expressava-se de outra forma o dito por uma operária textil, depois de um debate de quatro horas com Regina, numa fábrica da periferia de Havana: "Todas somos Malus".

Essa explosão foi multiplicada pela qualidade técnica e artística da produção, o que se confirma agora com o sucesso simultâneo de *Escrava Isaura*, *Carga Pesada* e *Sítio do Picapau Amarelo*, que evidentemente não se cruzam com questões ideológicas atuais na sociedade cubana. Sua mais popular escritora, Maitê Vera, autora das principais telenovelas do país — todas de caráter histórico sobre distintos setores sociais e sua evolução no transcurso das últimas décadas —, ressaltava a capacidade dos textos de refletir a ansiedade feminina como a principal contribuição a uma dramaturgia televisiva ainda prisioneira dos paradigmas, reflexo de uma não resolução das relações entre informação e propaganda, entre formação e arte.

No entanto, mais além desse aspecto, está o cruzamento com a etapa do processo de emancipação da mulher cubana e a própria forma em que ele foi se dando neste quarto de século. Cuba e México foram os melhores herdeiros latino americanos do machismo

colonial espanhol. O processo insurrecional cubano parecia não sair desses limites: salvo a Coluna Mariana Grajales — nome da mãe de vários generais negros da guerra de independência do século passado —, composta por mulheres, e a ativa participação de Haydée Santamaría, Célia Sanchez, Melba Hernandez e Vilma Espín, a imagem do revolucionário ficou consagrada como a do barbudo de uniforme verde-oliva e charuto na boca, como que reafirmando que política é questão de homens, mais ainda quando se desdobra em luta insurrecional.

Ao contrário da Nicarágua e do Salvador, cujas lutas se desenvolveram em outros tempos e já contaram com uma participação maciça das mulheres, incluídas nos mais altos postos de direção política e militar, em Cuba o ima-

ginário da libertação foi reciclado do amante das letras de bolero para o "macho liberador".

Mas a transformação histórica que fez da luta contra a ditadura de Batista uma revolução socialista atacou as bases sociais do machismo — a família burguesa — na sua dinâmica anticapitalista e com isso afetou também ideologicamente as cabeças de todo mundo.

A explosão demográfica dos anos 60 pôs em circulação gerações que já não encontravam na família tradicional o papel condicionador e repressivo de antes de 1959, formando-se nas escolas no campo, nos trabalhos voluntários e num espaço social e cultural aberto à gestação de uma nova moral. Em paralelo as mulheres foram gradualmente conquistando postos até chegarem a

mais de 50% dos formados pelas universidades e a posições de destaque em vários planos da vida cubana.

As leis avançaram mais que as cabeças da média das pessoas. O novo Código da Família consagrou a igualdade total entre homens e mulheres, mas a vida cotidiana continuou sendo permeada pelas formas sibilinas, ou nem tanto, de machismo. As relações amorosas, no entanto, constituídas pelas novas gerações, possibilitaram relações de igualdade plena de deveres e responsabilidades entre moços e moças, na mais rica experiência que se conhece até hoje, em escala nacional, de um país com seus traumas e contradições.

A resistência a Malu e ao reconhecimento dos avanços reais e inquestionáveis das mulheres foi violentada pela afirmação explícita, legitimada pela televisão — que, sendo estatal, se acompanha sempre de um caráter de política oficial —, de que os privilégios machistas haviam sido subvertidos pela revolução.

Ai a identificação e a revanche das mulheres, mas também de todas as novas gerações, contra aqueles que representam ainda a presença do que havia marginalizado a mulher cubana da história e da cultura. Assim, se no Brasil Malu tirou seu sucesso da experiência de um setor avançado das mulheres brasileiras, que conseguiu criar as condições ideológicas e materiais para seus avanços, mas que fica restrito pelas próprias condições gerais do país, em Cuba a revolução produziu a possibilidade de que "todas fossem Malus". Ou, como afirmou Maitê, parodiando a telenovela cubana que correu mundo antes de 1959, "agora temos o direito de nascer Malus".

Fmir Sader



Machismo, barba e charuto: ingredientes de um revolucionário à cubana

►gou conquistas, reivindicou direitos básicos. Como pioneira, acho que ela cometeu alguns excessos. É uma pessoa que a gente já conhece, que a gente já viu. Muito insegura, profissional e afetivamente. Mas linda, com um sentimento de solidariedade fantástico.

Já Joana é mais contemporânea. Mais equilibrada, mais estável afetivamente, profissionalmente. Não tem mais, como Malu, que fazer um discurso sufocado pela repressão. Já viveu a euforia da abertura, disse sapos e lagartos. Disputa de igual para igual seu lugar na sociedade. É minoritária mas existe, e a gente quer falar dela. Falar da bóia-fria seria para nós um esforço muito grande, além de correremos o risco de cometer alguns enganos.

Você dirigiu um dos episódios de Joana, "Fruite Verde". Como foi essa experiência?

Incrível. Decupar o texto, escolher o elenco, os figurinos, iluminação, cenário, enquadramentos. No momento da gravação, eu tinha um tempo para marcar a cena para os atores e diretores de

tevé, e outro tempo para me concentra e me colocar como atriz. Uma loucura. A experiência está aí, logo vai para o ar. Acho que ficou muito bonito.

Alguma razão especial para escolher esse episódio, Regina?

Tive uma simpatia por este tema — as relações fora do casamento — porque sempre me inquietou o problema do perdão nas relações do casal. Duas pessoas que vivem juntas estão sempre sujeitas a se deixarem fascinar por terceiros, e podem viver uma relação amorosa que corre paralela à relação do casal. Mas se o casal permanece, como funciona esse perdão? Dirigir o episódio não solucionou nada, porque na vida cada caso é um caso. Mas me ajudou muito a refletir.

Você parece viver de forma muito verde de sua vida...

Se é possível dizer que conquistei alguma coisa na minha profissão, foi justamente essa possibilidade de fazer um trabalho muito próximo da minha pessoa. Um trabalho interligado com a minha vida.



Aspezeza de Graciliano no olhar doce de Vereza

MEMÓRIAS DO CÂRCERE

Memórias do Cárcere, direção de Nelson Pereira dos Santos, com Carlos Vereza e Glória Pires, 1984.

Tanto quanto o livro, um filme para ser visto uma dez vezes, embora incapaz de reproduzir a fantástica personalidade de Graciliano Ramos e a sua maravilhosa prosa, quase todo tempo em monólogo (nos livros). Até por este motivo o filme recria tudo, e o resultado convence. Vereza, por exemplo, com seu olhar doce e sua bonomia, não lembra nunca a contenção e a aspezeza das feições de Graciliano Ramos, seu profundo fastio tão admiravelmente exposto no texto.

Outros são os recursos de Nelson Pereira dos Santos para expressar o absurdo das situações, a opressão psíquica e o emagrecimento humano que as prisões políticas brasileiras se esmeram em proporcionar. Há pelo menos quatro cenas mais eloquentes que os muitos diálogos. Duas têm a mesma forma plástica: um buraco pequeno — a saída estreita portanto — no porão do Manaus e uma rêsia de luz que vem do mar, e o buraco comunicante entre uma cela masculina e luminosa, alegre cela das ternas mulheres, outra rêsia de luz, que se apaga quando Elisa Berger e Olga Prestes são equestradas e levadas para a Alemanha.

Dois outras imagens, filmadas de cinema, do porão do Manaus e do porão mais imundo) do barco que entrega Graciliano e outros na Ilha Grande, faz todos ratos inertes. Há também um tom enervante, na Colônia Correccional, dos tamancos se arrastando e batendo, que Graciliano também registra insistentemente no livro, uma sinfonia das horas passando e das rotinas em direção a

morte física e moral.

Qualquer um, tenha ou não estado numa prisão, tem um som similar a martelar na memória, e este tipo de relógio das prisões, daquelas com ou sem grades, cria o clima exato e perfeito de tensão permanente. Impossível não se emocionar com a beleza das cenas noturnas com as celas fechadas no Pavilhão dos Primários, onde cada coluna, cada grade compartilha da imensa solidão, impotência e isolamento das "vanguardas".

Mais que perfeita é a galeria de malandros, vagabundos, pederastas e escroques da Colônia Correccional, não só porque são protagonizados por excelentes atores, mas principalmente porque são uma das faces mais fidedignas da humanidade brasileira. Todos chafurdando na miséria e na humilhação, e no entanto capazes de atos da mais extrema nobreza, e de ingenuidades inesperadas. O respeito reverencial que devotam a Graciliano Ramos, o doutor Ramos, o homem de letras, que vai contar a sua história, em contraste com o pânico que inspiram as letras aos esbirros da ditadura, é tudo tão bem construído em cenas, expressões e diálogos, que nos faz pensar nos mistérios da arte de escrever.

O contraste maior porém é entre os personagens populares e os da classe média. Os militares, os doutores são, como a classe média, uma caricatura bizarra de si mesmos, e suas falas têm o mesmo tom falso e arrogante de suas vidas, e só alguns paisanos escapam. Mera coincidência ou intenção expressa do diretor? Fica a curiosidade, e a grata lembrança do mais belo filme que já se fez no Brasil.

Márcia Mendes de Almeida
MULHERIO — 21

"Malu na época representava uma minoria. Hoje eu vejo que cumpriu seu papel: abriu caminho, divulgou conquistas, reivindicou direitos básicos."



JOANA VOLPE/ARQUIVO CECF

PRÍNCIPE, NÃO. DE SAIAS, QUEM SABE?!

Procurando Firme, de Ruth Rocha, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

Ruth Rocha, uma das mais festejadas escritoras brasileiras atuais de literatura para crianças, tem "batalhado firme" no sentido de fazer chegar ao público infantil os ecos da luta feminista por novas concepções sociais do masculino e do feminino. **Procurando firme**, seu novo título, com ilustrações de Ivan e Marcelo, não foge à regra.

Desde pequeno, um príncipe era treinado para sair dos muros do castelo em que vivia e correr mundo "como todo príncipe que se preza faz". Nem mesmo um terrível dragão, que guardava zelosamente a entrada do reino, impedindo a saída de quem quer que fosse, seria capaz de detê-lo. O príncipe passava por todo tipo de treinamento para enfrentar os perigos do mundo e nada podia amedrontá-lo.

Sua irmã, ao contrário, era educada para aguardar a vinda de um pretendente com quem casaria, teria muitos filhos e seria feliz para sempre. A princesa, todavia, escapa às previsões e não quer — porque não quer, ora bolas — seguir o destino reservado a todas as donzelas reais. Assume, então, sua vontade e, para escândalo real, aprende as artes reservadas apenas para o irmão, corta os longos cabelos, marca do "eterno feminino real", sai pela vida, "procurando firme" o que desse e viesse, tal qual seu irmão, segundo o modelo dele.

Ruth Rocha é uma hábil contadora de histórias. Sua narrativa é ágil, fluente, pontuada de humor, neste caso decorrente sobretudo da postura adotada: a história dentro da história. Todavia, a feliz carpintaria literária não consegue esconder posições que o feminismo mais crítico rejeita hoje, ou seja: as princesas (leia-se: as mulheres) não desejam, ao que se sabe, tornar-se príncipes de saias, partir para o mundo "procurando firme", segundo o padrão masculino dominante.

Este (triste papel!) pertence a um tempo que se quer modificado. E neste tempo, todos poderão "procurar firme", claro, mas livres para produzirem seus próprios modelos e não para seguirem o e um modelo masculino que, no livro, acaba se mostrando como exemplo a ser seguido. Não se trata, convenhamos, de assimilar padrões privilegiados até hoje, mas da construção de novos padrões: plurais, diferenciados, discordantes. Sobretudo, sem receitas.

Edmir Perrotti



ROBERTA A. MELE

BECO COM SAÍDAS

*"Meu passado foi esperar
a tua vinda
Chegaste
e o presente é ainda"*

Mercado de Escravas, de Glória Perez e Leila Miccolis, Editora Achiamé/Trote, 1984.

Os versos talvez resumam o eixo temático deste belo livro de poemas: a defasagem entre a expectativa (própria e alheia) e a realidade da condição feminina.

Combatendo estereótipos e preconceitos sobre a velha e a nova mulher, Glória e Leila demolem mais um: o de que poesia independente é artigo de segunda. Contudo, o termo "belo", referido a poemas, pode iludir o leitor que procurará na obra o lírico ou, pior engano ainda, a emoção estética associada ao bem, aos chamados nobres e elevados sentimentos. Na realidade, vai-se deparar com uma poesia crítica, ácida, corrosiva. Uma das epígrafes aos poemas de Leila, via Alex Polari, já avisa: "não se trata de embelezar a vida, trata-se de aprofundar o fosso".

Assim, numa visão histórica, pessoal e transpessoal do corpo feminino — da vida intra-uterina à maternidade — o discurso poético traça a trajetória de dilemas que foi, e é, a relação homem-mulher. A opressão dos papéis sexuais convencionais sobrepõe-se a dos equívocos da liberação feminina: "Pra gente ser livre/ e ser moderna/ será sempre preciso/ abrir as pernas?"



O grande destaque é a figura da mulher casada. A dona-de-casa, a parideira, a espancada, a pequeno-burguesa, a liberada, a casada com o intelectual de esquerda, entre outras, comparecem para promover uma amarga desmistificação do casamento e da família. Mas, é muito mais ampla a galeria de vivências que, sob o aguilhão do ódio, da carência, da denúncia e da revanche desvelam a solidão a dois ou o exílio interior a que o contexto social condena a mulher. Mulher que é vítima e, ao mesmo tempo, cúmplice e algoz.

A poesia de Glória e Leila incomoda, deprime, machuca. Túnel sem luz no fim? Nem tanto... Afinal, há traços de esperança no lúcido prefácio, onde as autoras afirmam esperar contribuir para a "transformação deste mercado de escravas". E, mais ainda, na profissão de fé no amor destes versos: "não devemos temer as recaídas/ afinal, o coração é um beco com saídas".

A vida também...

Maria Elena Ortiz Assumpção

AMOR

O "In" e o "Out"

A Revolução Feminina, de Márcia Moura, Edição da Autora, Rio de Janeiro, 1984.

Uma das diferenças das revistas ditas masculinas daquelas femininas é que, enquanto as primeiras tratam os homens como excelentes amantes, as segundas em geral vêem a mulher como eternamente inexperiente, a quem tudo precisava explicar.



Os ensinamentos das revistas femininas têm por objetivo tornar as mulheres boas de cama para os homens a fim de agradá-los. O livro de Márcia Moura pode-se dizer que seja uma versão masculina desse tipo de literatura pois, como estas revistas, pretende ensinar os homens como tratar as mulheres na cama e fora dela. Alguns tópicos: o mito do pau-grande; não ser arranca-pedraço; asseios; o que é "out" (sair correndo depois de gozar) e "in" (ter dinheiro e "pau-duro"), sic.

A autora dá seu recado com humor e, porque não dizer — perícia. A linguagem é o carioquês, certo? misturado com expressões em inglês, francês e latim, além de inúmeras citações que vão do Lúcio Flávio (o bandido) passando por Comte, Marx e Sartre, dentre outros. Inegavelmente é uma mestra na arte das sacadas, embora nem sempre seja possível concordar com o conteúdo delas.

Apesar de Márcia Moura não questionar os papéis sociais e sexuais tradicionais — o que a leva a fazer afirmações do tipo: toda mulher espera seu príncipe encantado, todas querem a proteção de um homem — e de algumas imprecisões, o livro precisa ser examinado com cuidado e levado a sério.

Primeiro porque ela tira de letra alguns assuntos "cabeludos" que para a maioria das mulheres ainda é fonte de angústia, como o sexo durante a menstruação e o sexo anal; depois porque trata algumas questões como sendo inquestionáveis, como a da liberdade sexual feminina, a da função primordial do clitoris na relação sexual e a do aborto; e, finalmente porque o livro tem uma ligação muito forte com a produção feminina do mesmo gênero desde o estilo ao formato até a produção que foi feita pela própria autora que, por sua vez, usou pseudônimo.

Música



emma

Emma Goldman. A vida como revolução, de Elisabeth Souza Lobo, Editora Brasileira, Coleção Encanto Radical, 1983.

Não li outras biografias da coleção Encanto Radical. Esta é primorosa. Elisabeth Souza Lobo desempenha com brilho e graça a tarefa quase sempre ingrata de apresentar um personagem — no caso uma mulher judia e anarquista — sem defeitos: Emma, a vermelha.

A vida de Emma Goldman é apaixonante e ao mesmo tempo exemplar de uma concepção — hoje infelizmente anaerônica — do socialismo como ética de vida. O ritmo das aventuras de Emma não fica atrás das peripécias do filme **Caçadores da Arca Perdida**. Rotulada de "rainha dos anarquistas", como outras foram "musas do comitê central" e "rosas da revolução", Emma escapa a etiquetas. É personagem e testemunha dos acontecimentos históricos mais marcantes do início do século: a imigração européia para os Estados Unidos, a execução dos "mártires de Chicago", o movimento sindical americano, os atentados anarquistas, a Psicanálise de Freud, a campanha pelo Birth Control, a Revolução Russa, a Revolta de Kronstad, a Guerra Civil na Espanha. Emma pertence à categoria de "santidade de revolução" referida por Antonio Cândido, e um dos méritos de Elisabeth Lobo é nos mostrar de Emma também o lado carne e osso, sua vontade de viver, de dançar, cozinhar, comer, seu desejo de amar sem peias, sua paixão sensual e seu ciúme por um homem de idéias "erradas", seu epicurismo e sua busca do prazer que contrastam vivamente com o puritanismo

predominante no movimento anarquista.

Emma é a favor e contra com todas as forças e com todo o seu empenho, mas é justamente seu estofo de rebelde que faz, segundo Elisabeth Lobo, que tenha sido esquecida: "por não ser séria e sóbria como convinha aos mártires da Causa Social, por ter abraçado causas perdidas e malditas", Emma não teve quem incensasse a sua memória.

O livro chama a nossa atenção para a atualidade da posição de Emma em relação à emancipação da mulher, sua recusa de pensar apenas em termos da conquista de uma igualdade legal, meramente formal, entre homens e mulheres, sua lúcida perspicácia em apontar nossos demônios interiores e as contradições da liberação. Emma escolheu não ter filhos para se dedicar à revolução. Não tinha opção. E nós também ainda não temos.

Engajamento político para toda uma vida, a vida como ato político. Emma não desanimou com as derrotas nem com as lições — vividas na pele do socialismo "real". Sua vida é uma lição de perseverança.

Obrigada à Elisabeth Lobo por ter se encantado por Emma Goldman e por ter permitido que nos encantássemos também.

P.S. — Já que estamos no **Mulherio**. Por que no Brasil a moda não pega de resgatar figuras femininas? Por favor, mais biografias: Maria Quitéria, Anita Garibaldi, Nisia Floresta, Bertha Lutz, Glebe Alcântara, Ivete Vargas, Alzirinha, Elisa Branco, Iara Iavelberg...

Albertina de Oliveira Costa

Com todo gás

Fullgás: o disco da moda, estourando em vendagem e nas paradas de sucesso. Bonito e moderno, uma receita infalível.

Fugaz? Afinal vivemos numa sociedade descartável, que se alimenta de novidades. Mas a apresentação do disco, assinada por Marina e Antonio Cicero, é clara, não permite maiores ilusões. Alerta-nos sem rodeios que o projeto é para o aqui e agora. "Para nós, bom é ser contemporâneo do mundo" — afirmam a intérprete e o compositor, tomando o partido do presente. Isso posto, o resto fica por conta do prazer. Ou se gosta ou não. Eu gosto.

Com esse trabalho Marina conseguiu finalmente definir um estilo seu, num LP gostoso de se ouvir e dançar. Repertório adequado, voz bem modulada, bons arranjos e acompanhamento, e sobretudo muita energia. Eis a nova marca de Marina, estrela ascendente e que acende a gente.

"Nossa música é simples, deliberadamente simples e direta", continua a apresentação do disco. Mas, digo eu, o projeto é ousado. "Pé na Tábua", versão de Antonio Cicero da música "Ordinary Pain" de Steve Wonder, sugere: "Diga sim pro que der/ Que é babaquice segurar/ Não dá, não dá/ Arranque o freio/ E pé na tábua/ Se jogue nesse amor que veio/ E mais nada".

A pista ainda é aquela inaugurada por Caetano em "Muito Romântico", e por Gonzaguinha em "Explode Coração". Não dá mais prá segurar aquele acorde perfeito maior, seja babaquice ou não. Já no final dos anos 60, Gal Costa anunciava na letra de "Mamãe Coragem": "Não adianta, eu tenho um beijo na garganta/ Eu tenho corações fora do peito/ Mamãe não chore, não tem jeito".

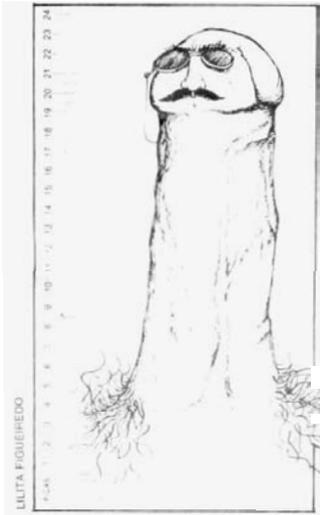
Não deu outra. Tai Marina que não me deixa mentir. A faixa-título do LP propõe: "É tudo de lindo que eu faço/ Vem com você, vem feliz/ Você me abre seus braços/ E a gente faz um país". Que país é esse, não se sabe. A promessa é boa, mas é difícil acreditar nela num país de malufes e inflações. Os mais céticos, então, que pelo menos ouçam o disco. Pois ele é gostoso e vale a pena, ainda que fugaz.

Marina está acontecendo. A todo vapor. Com todo gás.

Eliane Robert Moraes



PAULO BECARIO

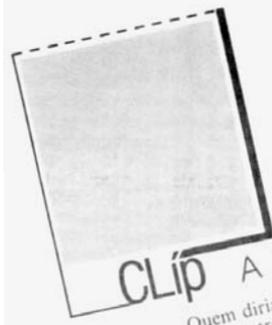


LILITA FIGUEIREDO

Para muitas escritoras de sexo, a publicação de um livro com esse tipo de conteúdo quase nunca é sem seqüela mesmo para aquelas que têm respaldo de classe (dominante), de partido político, ou reconhecido prestígio intelectual. Parece que para Maria Cristina Nogueira, verdadeiro nome de Márcia Moura, a publicação do livro aliada às fotos (de biquini de lamê, para a revista **Veja**) fez com que ela perdesse o emprego de vogal da 20ª Junta de Conciliação da Justiça do Trabalho, no Rio de Janeiro.

Finalizando: não sei qual a tiragem de cada edição de **A Revolução Feminina**, mas hoje, em menos de seis meses, ela já está na sua sexta edição! Seria interessante de se verificar qual o público que o tem consumido, se atingiu aos homens ou às suas companheiras, funcionando, então, como o livro de Shere Hite que foi usado por muitas mulheres como guia sexual, uma fonte para descobrirem o próprio sexo e como atingirem o prazer.

Maria Lúcia Mott



CLIP A Dificil Vida Fácil

Quem diria que os brasileiros estão em 1º lugar entre os homens (do mundo) que mais colaboram "em prol do orgasmo feminino"? É o que diz Amara Lúcia em seu livro **A Dificil Vida Fácil: A Prostituta e sua Condição**, da Editora Vozes, com apresentação de Rose Marie Muraro. Amara Lúcia é uma escritora que durante seis meses trabalhou como prostituta em Recife, Salvador e Rio. O livro, resultado dessa "pesquisa vivida" revela outras surpresas. Será lançado dia 29 de setembro, após às 18 horas, no Centro Cultural Rebouças, Av. Rebouças, 600, São Paulo.

LILITA FIGUEIREDO

REGALO

Joyce Cavalcante

Não quero nem pensar. Me envergonho e tenho muito medo de que ele me procure justamente na época de meu período menstrual. Claro que fico constrangida. Por reflexo, por cansaço de saber que esse sangue vivo repulsa. E de já tão acostumada a pedir desculpas por ter um organismo fêmeo funcionando por inteiro, prefiro me esconder por trás de uma fadiga ou de um mal entendido, negando para nós dois o direito de acrescentar na história mais uma ocasião especial.

Sensível, ele perscrutará lá dentro esses meus pruridos. E lá dentro do meu corpo, mergulhará seu nariz. Vai ser como se eu tivesse ganho na lotó. Ficarei tão feliz que me permitirei a extravagâncias e, aproveitando essa tinta vermelha feita pela própria natureza, pintarei molecagens nas nossas coxas, braços, barriga e no rosto, fazendo inveja a todo mundo que acha que isso é brincadeira de mau gosto.

Texto inédito da autora a ser publicado ainda esse ano no seu quarto livro, "O Discurso da Mulher Absurda". Já tem publicados "De Dentro Para Fora", Ed. Referência, 1978; "A Costela de Eva", Ed. Global, 1980; "Livres & Objeto", Massao Ono Ed., 1981; "Teu corpo", Ed. Scortecchi, 1982.

DIÁRIO

de viagem

Maria Lúcia Mott

Por que o mulato e não o loiro? Os dois não eram conquistadores baratos daqueles de porta de bar? A cara de desprotegido, de olho grande, tinha me comovido. O loiro veio decidindo, mandando seguir que ele já tinha escolhido o hotel ("quem você pensa que eu sou, vai procurar sua turma"), virei a cara, apertei o passo e entrei no primeiro hotel que encontrei, como quem já tinha feito reserva. Lembrei de casa, do meu irmão que tinha dito para eu comer surubim na brasa: uma delícia! E para eu não ficar na pensão da esquina ("a barra era muito pesada").

Tomei banho, sai correndo e fui olhar o pôr do sol na beira do rio. Segui as placas de sinalização e encontrei as paisagens de cartão postal.

— "Oi beleza!"

— "OI BELEZA!"

O loiro ria.

— "E muda a coitada. Que pena! tão boa de bunda!"

— "Você não se enxerga seu..." ia dizer seu titica de galinha, quando o mulato apareceu, saindo do bar e cortou minha palavra, falando que era besteira eu responder, que era isso que o outro queria, que assim se divertia às minhas custas. Esquecesse. Enfim eu não estava lá para me aborrecer, não é? Não foi para isso que eu tinha viajado mais de dois mil quilômetros... Sentamos no bar e ele pediu uma bebida que só existia lá. Reclamei do tipo, daquele branquela metido a conquistador. Ele me acalmava dizendo que era assim mesmo... mulher bonita viajando sozinha era aquela água... apostava que não era a primeira vez que tinha acontecido aquilo comigo. Nem seria a última. De noite, fomos para a casa dele e topamos com o loiro no portão.

— "Boa noite senhorita". Eu acompanhei o "até logo" com a cabeça, engolindo saliva, prendendo a respiração. Ele, o mulato, com "eu explico, eu explico", tentava segurar a barra para o

caldo não entornar. Era por obrigação que hospedava o tal sujeito, um favor, essas coisas de família. Aposto que faria o mesmo, me falou no final, depois de ter contado o drama do herói, um abnegado. Arrematei o caso ("puxa! coitado, eu não podia imaginar!"), lembrando do surubim que ele dizia ser mestre na arte de preparar. Com o pé direito, entrei.

— "Não repara, é casa de pobre..."

Sempre admirei a coragem de puta e lá estava eu, comemorando os meus vinte e dois anos nos braços de um desconhecido que prometia carícias nunca vistas e jamais sentidas. Disse mil vezes amém por estar tomando pilulas e foi aí que eu me lembrei (mas por que eu me lembrei?): menstruada! Essa agora, só podia ser praga da minha mãe. Incomodada, rejeitei as carícias enquanto ele gemia no meu ouvido e prometia mais, abrindo minha blusa. Endireitei o corpo, procurando uma mentira e o modess, o tampão, não iria grudar... e ele, "mas o que foi nenem", me empurrava para o encosto da cadeira e minha mãe no seu tailler de tweed, aquele do dia da minha colação de grau, dedo em riste, voava sobre minha cabeça ("vai se lavar, você está toda suja de sangue") e ele, beijando minha boca, mordiscando meus lábios e eu, conto não conto, falo não falo, acabei levantando de sopetão, fechei minha blusa, o zíper da calça, pequei minha bolsa... e mamãe no topo da escada lá de casa, "eu sabia que podia confiar em você, minha filha!"

— "Moça, isso não se faz..."

— "Desculpa moço, mas eu não posso" e, lá ia eu, começar o meu discurso, que não podia, que não devia e escondendo o rosto, a palavra saiu: menstruada... virei as costas esperando um bofetão (só podia ser praga de minha mãe!), sentia o sexo contraído, latejando, querendo um "fica por favor", mas não ouvindo (será que ele não tem nojo?) e com uma grande risada, ele me segurou pelas mãos, me chamou de boba e me mostrou a porta do quarto.

MULHERIO